

Defesa Nacional



M A I O
1945

NÚMERO
372

CEL. RENATO BATISTA NUNES

CEL. LIMA FIGUEIREDO

MAJOR JOSE SALLES

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXII

Brasil — Rio de Janeiro, Maio de 1945

M. 372

SUMÁRIO:

	Pags.
Editorial	651
Caxias e a pacificação do Rio Grande do Sul — Gen.	
Sousa Docca	655
Zonas Geo-Militares, — Cel. Lima Figueiredo	661
Excertos — Trad. do Cel. R. B. Nunes	667
VII — Por que cavalaria? — Cap. Tasso de Aquino	681
O Reservista Rodoviário — Cap. Antonio Augusto	
Joaquim Moreira	689
“A Terceira Frente” — Trad. e notas do 1. ^o Ten.	
Otávio Alves Velho	693
A Causa Essencial — Trad. do Cel. R. B. Nunes	705
Em Inglês “Os Sertões” de Euclides da Cunha —	
Trad. de José de Souza	711
O segredo da precisão nos bombardeios — Wulstan	
E. Burton	717
O que a engenharia vem realizando nesta guerra	721
Um pouco de luz sobre o passado — Ten. Cel. Au-	
gusto Maggessi Pereira	727
“A Informação na Guerra” — Estudo do Maj. Paulo	
Enéas F. da Silva	737
Livros Novos	753
Boletim	763
Noticiário & Legislação	765

EDITORIAL

O Brasil inteiro acaba de glorificar José Maria da Silva Paranhos, Barão do Rio Branco, no ensejo do seu centenário.

Realmente não haverá nome que suplante o de Rio Branco na sensibilidade da alma brasileira. Todos nós aprendemos muito cedo a admirá-lo, e essa admiração só faz crescer à medida que melhor nos aparelhamos de conhecimentos históricos, que mais desenvolvemos o nosso espírito crítico, que melhor podemos aferir os efeitos da sua obra nos destinos da América.

E' evidente que sem Rio Branco outra teria sido a evolução das perigosas controvérsias de fronteira do Brasil com os seus vizinhos, e outra teria sido, portanto, a marcha da vida sul-americana. Sem a clarividência de Rio Branco, sem os seus aprofundados estudos de geografia histórica, sem o seu patriotismo vigilante, sem a sua prodigiosa capacidade de manejar harmonicamente tudo isso, talvez o nosso continente tivesse experimentado soluções

violentas, das quais resultassem exóticos delineamentos de fronteiras e com êles rixas irremissíveis.

Assim, pois, se começamos a venerar Rio Branco no quadro da ação nacional, considerando-o grande porque engrandeceu o Brasil com terras e prestígio, logo se nos impõe a projeção da sua obra no âmbito internacional, e ei-lo maior ainda, ei-lo o artífice providencial da estabilidade limítrofe de algumas principais nações desta parte da América.

Quando recordamos, porém, Rio Branco perante o Exército, é justo que nós fixemos em alguns aspectos especiais da sua obra.

O que primeiro nos acode é a atividade de Rio Branco no campo da História Militar. Muito jovem ainda já se dedicava a êsses estudos, e se a sua obra como historiador militar não é de forte densidade, denuncia em todo o caso o interesse que desde cedo, o futuro "chanceler" dispensava às nossas tradições e aos nossos problemas militares.

Mas não só no plano intelectual se apresentam flagrantes as relações da obra do Barão com o Exército. Assinale-se que, paralelamente à ação di-

plomática, ele desenvolveu sempre um intenso esforço em favor do nosso aparelhamento militar. Apesar de ter sido o campeão das soluções pacíficas não desdenhava o fortalecimento das nossas forças armadas.

O segredo dessa fórmula, tão habilmente manejada pelo Barão do Rio Branco, e as repercussões, tanto transitórias como permanentes, da sua aplicação, quanto de difícil acesso, estão a desafiar os estudiosos.

Fixemos, destarte, dois aspectos da obra que imortalizou Rio Branco, profunda e substancialmente vinculados à existência das nossas forças armadas.

Um é que foi, por sem dúvida, a História Militar do Brasil uma das mais poderosas fontes inspiradoras dos monumentais estudos de geografia histórica com que mais tarde empreenderia as suas extraordinárias vitórias diplomáticas. Sem a intimidade que tinha Rio Branco com a história das nossas campanhas, conhecendo-lhes a origem, o desenvolvimento, os efeitos, não poderia, ou pelo menos

não teria uma base tão segura nem uma convicção tão sólida para defender os nossos direitos. O conhecimento aprofundado das lutas que travamos no curso do nosso delineamento territorial amou Rio Branco de uma perfeita compreensão das questões concernentes a esse delineamento. E essa circunstância fez, em boa parte, a sua superioridade quando se achou em posição de resolvê-las.

O outro ponto a fixar, ainda nitidamente fruto dos estudos de História Militar em que Rio Branco desde muito cedo se iniciou, vem a ser o insistente empenho que pôs, como "chanceler", em fortalecer as nossas Fôrças Armadas.

Rio Branco comprehendeu, como nenhum outro estadista brasileiro, na sua posição, o verdadeiro papel das Fôrças Armadas. Viu-as na sua missão mais elevada, mais nobre e mais difícil, isto é, como instrumento de política externa, e dentro desse fundamento procurou fossem estruturadas.

O Exército reverencia, pois, em Rio Branco, não só o grande brasileiro, cujo patriotismo corria paralela com o gênio, mas ainda o estadista a cuja obra está ampla e decisivamente associado.

CAXIAS E A PACIFICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL ⁽¹⁾

Gen. SOUSA DOCCA

A explosão farroupilha de 20 de setembro de 1835 repercutiu no Brasil inteiro com uma ressonância assustadora e ate-morizou a Regência.

Feijó, à frente do governo, não obstante austero, enérgico e intrépido, confessou em carta ao marquês de Barbacena, depois de se referir às agitações provinciais, do norte ao sul: "O que mais me assusta é o Rio Grande. Vai me parecendo inevitável a separação da Província. O governo tem absorvido todos os recursos para o Pará, e v. ex. sabe muito bem que sem grande apoio interno mui difícil seria a todo o Brasil conquistar o Rio Grande, e que toda tentativa temerária só teria por fim firmar a rebelião, desacreditar o governo e acabar com o resto dos recursos que ainda se podem procurar."

Não se enganara o astilado Regente.

Todas as tentativas de força para vencer os farroupilhas foram improfícias e serviram para "firmar a rebelião e desacreditar o governo", dando assim força moral aos republicanos e fazendo com que a luta se prolongasse, como se prolongou, com intensidade e indecisa. Vários generais de nomeada fracassaram no decurso de sete anos de combates incessantes e porfiados.

Foi nessa emergência que o governo imperial lançou mão do recurso extremo de que dispunha — o jovem barão de Caxias, que foi nomeado, em novembro de 1842, presidente do

(1) — Nota da Redação: Como uma homenagem ao pranteado chefe e ilustre historiador, lembrando seu nome querido, publicamos uma das suas últimas páginas.

Rio Grande do Sul e comandante em chefe das fôrças em operações.

Perduravam ainda na Corte as mesmas apreensões e o mesmo susto revelados por Diogo Antonio Feijó em 1835.

Era agora outro ilustre homem de Estado, também de ferrea têmpera, o marquês do Paraná, então ministro da Justiça, que manifestava as aflições do governo, nestes termos, em carta dirigida a Caxias, em maio de 43: "A guerra dessa Província dura há já muitos anos; e, se continuar por mais dois, pode conduzir-nos à bancarrota e talvez à dissolução". E aerescen-tou: "a obra da pacificação do Rio Grande é de magnitude imensa."

A carta de onde extraímos os períodos transcritos foi publicada pelo ilustre homem de letras dr. Vilhena de Moraes, em um de seus preciosos estudos sobre Caxias.

O governo imperial, em consequência das amargas experiências colhidas, não pensava mais em submeter os farroupilhas pela força — cuidava de pacificá-los. Era esta a missão principal de Caxias.

Daí, sem descurar da luta armada, com energia e eficácia, que foi um dos meios a que êsse ilustre general recorreu para chegar a paz, a sua atitude de conciliação e de respeito pelos republicanos expressa em todos os seus atos, desde sua chegada à Província até à celebração da paz.

Caxias, ao empossar-se de seus altos cargos, assim falou aos revolucionários: "Lembrai-vos que, a poucos passos de vós, está o inimigo de todos nós — o inimigo de raça e de tradição. Não pode tardar que nos meçamos com os soldados de Rosas e de Oribe; guardemos para então as nossas espadas e o nosso sangue. Abracemo-nos e unamo-nos para marcharmos, não peito a peito, mas ômbro a ômbro, em defesa da Pátria, que é a nossa mãe comum."

O grande general e eminente brasileiro, com intuição profunda das coisas, que era uma das suas destacadas qualidades de homem de ação; com perfeito conhecimento da alma brasileira, que sabia auscultar, com o seu alto senso psicológico;

sentindo, com a notável percepção de que era dotado, a vibração do espírito patriótico dos riograndenses e o amor próprio que os animava: dirigiu-se aos farroupilhas, sem promessas de anistia, sem oferecimentos de perdão, convidando-os à uma conciliação fraternal, para fraternizados defenderem o Brasil.

Esse elevado apelo cívico repercutiu na alma daquela gente destemida, como uma voz amiga e de comando e como um éco de clarim, e foi um dos principais fatores da paz de 1.^º de março de 1845.

Com tais disposições, a despeito da campanha iniciada com firmeza em janeiro de 43, foi fácil o entendimento para a conciliação.

Ao serviço desta embarcaram para a Corte, em fins de novembro de 1844, Vicente Antonio da Fontoura, como delegado dos farroupilhas, e o coronel Manoel Marques de Souza, na qualidade de representante de Caxias, para informar ao governo central do que fosse necessário sobre o estado da Província e do que sobre a paz pensava o seu general.

Estava o enviado farroupilha, segundo a credencial de que era portador, autorizado a fazer "uma paz que não manchasse" os seus representados, "distinta porção da Grande Família Brasileira, nem o sábio governo de S.M.I." e que impusesse "um dique formidável ao estrangeiro audaz" que pretendia fulminar o Rio Grande e o "Brasil inteiro".

Após diversas conferências ficou resolvido que a paz fosse assinada no Rio Grande, de acordo com o decreto e instruções que seriam enviadas a Caxias.

Para que assim fosse, muito concorreu Fontoura.

Em seu *Diário* de 17 de dezembro registrou: "Continuo esforçando-me para que seja concedida ao Barão a maior soma de atribuições que fôr possível afim de efetuar a paz aí."

Fontoura assim procedia, confiante nas qualidades morais de Caxias que, segundo suas próprias expressões, não era venal" e tinha mais força moral que os ministros" e que o imperador.

Durante muito tempo procurei em vão o decreto de 18 de dezembro de 1844, sobre a paz. Não o encontrei nas coleções de leis nem nos registros que consultei. Era, entretanto, certo para mim, que os termos desse decreto ofendiam os milindres dos farroupilhas e, por isso, escrevi em 1935 e repeti em 1936 que a paz fôra feita com honra para os republicanos riograndenses, que obtiveram tôdas as concessões que pleiteavam, tratando de potência a potência, graças ao ato de Caxias não executando o decreto de 18 de dezembro de 1844.

Verifiquei depois não me haver enganado. Possuo desde maio do corrente ano, por interferência de meu presado amigo e confrade Castilhos Goycochea e devido aos esforços e pesquisas do ilustre escritor riograndense Abeyllard Barreto, cópia do mencionado decreto, que passo a transcrever :

"Recorrendo a Minha Imperial Clemênciâ aqueles de Meus subditos, que iludidos, e desvairados, têm sustentado na Província de San Pedro do Rio Grande do Sul, uma causa atentatória da Constituição Política do Estado, dos Direitos de Minha Imperial Corôa, firmados na mesma Constituição, e reprovada pela Nação inteira, que leal, e valorosamente se tem empenhado em debelá-la; e não sendo compatível com os sentimentos de meu coração o negar-lhes a paternal proteção a que ditos Meus subditos se acolhem arrependidos: Hei por bem conceder a todos, e a cada um dêles, plena e absoluta anistia para que nem judicialte, nem por outra qualquer maneira, possam ser perseguidos, ou de alguma sorte inquietados pelos atos que houverem praticado até a publicação deste Decreto nas diversas povoações da referida Província. Manoel Antonio Galvão, de meu Conselho Ministro Secretário do Estado dos Negócios da Justica o tenha assim entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em dezcito de dezembro de mil oitocentos e quarenta e quatro, vigéssimo terceiro da Independência e do Império. Com a rubrica de Sua Majestade o Imperador, Manoel Galvão. Conforme Domingos José Gonçalves de Magalhães — Secretário do Governo."

Impossível seria a paz nesses termos e a luta continuaria até o exterminio.

Caxias tinha convicção absoluta disto e, porque não era homem de meias medidas, tomou uma resolução radical e na altura de sua individualidade: pôs o decreto de lado e fez a paz, de acordo com os farroupilhas, depois de publicadas as

condições que êstes haviam proposto — tratando assim de potência a potência, sem falar em arrependimentos, nem em proteção paternal, mas em regalias, em direitos, em considerações a que, pelo ardor e nobreza com que se bateram pelos seus ideais, haviam feito jús.

A deposição das armas, contra o que estabelecia o decreto imperial e as instruções do ministro da Guerra, só se realizou depois de publicadas e aceitas as condições de paz. A ordem para a divulgação do Decreto e das Instruções de 18 de dezembro de 1844 também não foi cumprida.

Caxias deu ao governo, por intermédio do então coronel Marques de Souza, as razões de seu procedimento para a paz que firmara, com honra excepcional para os farroupilhas. Foi com pleno conhecimento de tão nobre ato de justiça ao ideal farroupilha que o heróico Bento Gonçalves, em carta de 6 de março de 1845 e portanto seis dias após a conciliação, referindo-se a esta, diz que as vantagens obtidas o foram “pela generosidade do Barão, dêste homem”, acrescenta em seguida, “verdadeiramente amigo dos Riograndenses, que nos fez o que não podíamos já esperar, salvando assim em grande parte a nossa dignidade.”

Caxias, com o seu alto espírito de justiça e com a fé que tinha na gente sul-riograndense e o entusiasmo que esta lhe inspirava, disse em Relatório, referindo-se à pacificação que esta se devia “em grande parte ao caráter franco e leal da maioria do povo riograndense, caráter que sempre conservarão os legalistas e os dessidentes”.

Os farroupilhas — chefes e soldados — comprovaram perante o país a razão do entusiasmo e do aprêço de Caxias por êles combatendo com denodo e patriotismo nas campanhas de 51, 64 e 65.

Caxias pacificando o Rio Grande do Sul se fez credor da amizade dos riograndenses e da gratidão nacional, porque, como acentuou Bento Gonçalves salvou “a nossa dignidade” e porque, ao mesmo tempo, evitou a bancarrota e a dissolução que inquietava o marquês do Paraná.”

ZONAS GEO-MILITARES

Cel. LIMA FIGUEIREDO

O espaço geográfico do Brasil está abrangido por um limite terrestre e uma fronteira marítima banhada por um único mar. Desenvolve-se quasi igualmente de norte a sul, como de leste a oeste, pois as distâncias respectivas são 4.319,2 km. e 4326,2 km. Todavia, como a densidade demográfica é muito mais pronunciada nas proximidades do litoral do que no interior, onde em alguns lugares é mesmo nula, quasi que nos afeta somente os problemas referentes à variação de latitude e podemos dizer que o nosso espaço geográfico eficaz se desenvolve no sentido dos meridianos.

Para situar o nosso espaço geográfico em relação ao oceano, isto é, para estabelecer a sua dinâmica, devemos verificar, primeiramente, a incidência dos feixes da navegação marítima sobre a nossa costa, e em seguida, o espaço de conexão entre o continente e o mar e as reações do interior sobre o litoral.

Para estudar, sinteticamente, o assunto, o coronel Mário Travassos, atualmente no "front" europeu, em magnífico Ensaio, dividiu o Brasil em três ZONAS GEOGRÁFICAS, traçando na carta o meridiano da foz do Tocantins e o paralelo de Belo Horizonte. Ficaram: uma ZONA DO SUL compreendendo o sul de Mato Grosso, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (incluindo os Territórios de Ponta Porã e Iguaçú); as duas ZONAS GEOGRÁFICAS DO NORTE, uma de LESTE e outra de OESTE.

Na ZONA SUL, a incidência dos feixes de circulação, não só marítima como aérea, é bem pequena. Quasi não há espaço litorâneo pois a Serra do Mar se acolcheta ao Oceano;

somente dele se afastando ao atingir o Rio Grande do Sul, possibilitando a navegação no belo sistema constituído pelos fornecedores do Guaíba, pelas lagôas dos Patos, Mirim e Manguiera e pelo canal de São Gonçalo, verdadeira gangorra líquida que liga a primeira ao mar. Há, na magnífica serra, umas abertas por onde se pode ganhar o planalto. Outrora, para se defender essa zona, bastava ocupar essas abertas como a do Cubatão e a de Paranaguá. Hoje é preciso mais alguma cousa — a garantia do domínio do ar. Com o desenvolvimento do planalto, houve a necessidade de expansão, fruto dum dinamismo centrífugo, de dentro para fóra, ou, como diz Travassos, continental-marítimo. Surgiram belos portos de exportação e importação: Santos e Paranaguá; e estradas de ferro cruzaram o dorso da cordilheira e vieram à cota d'água. A lagoa dos Patos, dragada e balizada, fez de Porto Alegre e Rio Grande dois magníficos portos.

A ZONA SETENTRIONAL LESTE apresenta acentuada incidência dos feixes de navegação marítima e das rotas aéreas. Depois desta guerra, à medida que o oceano Atlântico, entre Natal e Dakar, fôr tendendo para um estreito, com o aumento da velocidade dos meios de transporte, maior será a importância do saliente nordestino. Os grandes rios São Francisco, Paraíba, Itapicurú e Tocantins continuam a navegação para o interior do país, permitindo-lhe fácil acesso e formando nexo entre o mar e o continente. Em toda essa zona, pela existência dessas caudais e pela faléscia de terreno acidentado, há preponderância das influências marítimas sobre as continentais, havendo um dinamismo de fóra para dentro, marítimo-continental.

A ZONA SETENTRIONAL OESTE é a Amazônia com o seu mundão d'água, pode-se mesmo considerar que o oceano penetra, profundamente, naquela terra até o amago. Há, assim, uma pressão de fóra para dentro, um dinamismo marítimo-continental. Contudo há uma forte pressão interior oriunda não só da grande área brasileira, mas também das partes

da Colômbia, Perú e Bolívia, banhadas por aguas amazônicas. Disto resulta, tambem, um dinamismo de dentro para fóra, continental-marítimo. Essa dupla corrente foi manifestada desde priscas éras da nossa história colonial e bem expressa pela viagem de Orellana de montante para jusante e a de Pedro Teixeira na foz do Rio Mar até os alcantis do Perú.

Após estudar essas três zonas geográficas, o Cel. Travassos elege cinco zonas geo-militares, das quais duas delas são constituidas: uma pelo Estado de Minas Gerais que êle denominou ZONA DE RESERVA e outra, costeira, compreendida entre o limite leste do Estado montanhês e o mar, desde São Sebastião até Ilhéus, que recebeu o nome de ZONA DE COBERTURA. Ficamos, dest'arte, com as seguintes zonas geo-militares: do Sul, Setentrional de Leste, Setentrional de Oeste, de Reserva e de Cobertura.

Cada uma dessas zonas precisa de um aparelhamento de defesa adequado, assim, na zona sul, a serraria ex-abrupta separa os meios de defesa terrestre dos de defesa de costa. A primeira ficará defendendo as gargantas que permitem o acesso ao planalto, enquanto a segunda terá por fim evitar os desembarques prendendo-se, por isso, mais à Marinha do que ao Exército.

Na ZONA DE COBERTURA, está situada a baía de Guanabara, ponto vital que deve ser defendido a todo custo, mas a capital do país deve ir para Minas Gerais onde deverá ser localizado o nosso parque siderurgico e a indústria pesada. Nela está tambem contido o porto de Vitória destinado ao embarque de minério. Por tudo isso, deverá essa zona ser fortemente defendida, por elementos de terra, mar, costa e ar, sob a responsabilidade de um comando único.

Tendo em vista as cinco zonas geo-militares, torna-se necessário que um sistema de comunicações adequado seja levado a efeito, permitindo-nos fáceis rocas.

O interessante "Ensaiô" do coronel Mário Travassos termina com um sumarissimo estudo sobre o problema militar

brasileiro, à luz dos três (ele fala em dois) princípios fundamentais da atual carnificina : guerra total, cooperação das forças e massa de material (dotado de velocidade, ráio de ação e potência).

Na persuassão de que não haverá guerra dum país sul-americano contra outro, o Autor encara, apenas, o problema de um ataque por forças de alem-mar. Não julgo segura a sua premissa, porque muitas vezes — a história tem registrado os acontecimentos — dois países lutam e se estraçalham por simples inspiração e lucro de terceiro ou terceiros. (1)

Do seu ponto de vista, devemos ter duas esquadras, uma do Sul e outra do Norte, sendo que a primeira seria apoiada pela defesa de costa, devendo esta fazer parte mesmo da formação naval. As formações aéreas, nessa zona, deverão ter missão de contra-aviação em primeira urgência e depois: cooperação com a ação conjunta da esquadra e da defesa de costa.

Na zona setentrional de leste, a estrutura das forças encarregadas da sua defesa seria tal que lhes permitisse todas as espécies de luta, mesmo a guerrilha tão usada no tempo da ocupação holandesa. Para isso, suas unidades devem ser flexíveis e bem poderosas de fogo.

Fala o Autor em várias formações especiais: as de FRONTEIRA como núcleos de fomento social e econômico; as SERRANAS com gente recrutada nas proximidades dos passos da Serra do Mar; as PRAIANAS para a defesa imediata do litoral do Norte, formações mais ou menos anfíbias, bem adaptadas a operar nas regiões dos mangues e areais nordestinos,

(1) — Apesar dos seus pesados deveres na guerra, o coronel Travassos manda-me em carta amiga dizer o seguinte :

"A expressão **ataque por força de alem-mar** (realmente particularista) não quer dizer que o meu pensamento fosse excluir a hipótese continental (Na persuassão de que não haverá guerra dum país sul-americano...) A expressão é que não serve. A força de querer generalizar, restringi o conceito..."

pela organização, armamento e meios suplementares (jangadas); e as formações ESPECIAIS DO INTERIOR, constituídas por gente dos lugares, onde estejam situados os campos de aviação, e que sejam ao mesmo tempo bombeiros (apara apagar incêndios) e bons caçadores de paraquedistas.

Além disso, julga o Autor e eu estou com êle, que o efetivo dos nossos Fuzileiros Navais deve ser multiplicado pelo menos por dez (quanto tem feito os fuzileiros americanos na Oceania!) e que a Amazônia, pela duplidade reversa dos empuxos continentais e marítimos e sua desmesurada excentridade, além do predomínio do meio líquido, deve ser defendida por uma força organicamente mista aero-naval-militar, tendo, por sua vez, cada uma dessas partes certa hibridez orgânica, "em consequência das condições particulares de seu emprêgo, quer se trata de formações terrestres, navais ou aéreas."

O livro do Coronel Mário Travassos, fininho, com menos de cem páginas, tem muita cousa interessante sobre a qual devemos meditar.

Banco Econômico do Brasil S/A

RUA 1.^º DE MARÇO N.^º 13

(SEDE PRÓPRIA)

TELEFONE 23-1940 - RÊDE INTERNA

END. TEL. «ECONÔMICO»

DEPOSITOS—CAUÇÕES—DESCONTOS

LIVRARIA BOFFONI

Livros Técnicos em Geral

RUA CHILE N. 1 RIO DE JANEIRO

EXCERTOS

General DAUDIGNAC — As Realidades do Combate. Fraquezas, heroismos, pânicos.

Tradução. — Cel. R. B. NUNES da Reserva de 1.^a classe.

(Continuação)

O ataque a baioneta. — Num ataque, o sinal da vitória, é a ocupação das posições inimigas. O que a decide, é o movimento para a frente.

A carga de baioneta, sucedendo-se ao tiroteio, constitui o movimento ordenado, a luta final, e, nesta carga, o público vê o entrevêro, o corpo a corpo, a troca de golpes, a matança recíproca.

Nós, militares, devemos saber que as cousas se passam, quasi sempre, de outra maneira, e Ardant du Picq, como Trochu, nô-lo dizem.

Cito um trecho de Ardant du Picq :

“... Fora dos encontros inesperados, por exemplo na conquista de uma aldeia, quando uma pequena tropa esbarra com outra, no combate moderno, se ambas se enfrentam, ninguém ataca.

“Desde os entrincheiramentos de Friburgo, conquistados por Condé, até à porta de Arcole, forçada por Bonaparte, até Solferino, ha um sem número de proezas, de posições tomadas de frente, que enganam todo o mundo; é tempo de dizer aos homens que nem os entrincheiramentos de Friburgo, nem as elevações de Solferino foram conquistados por um ataque frontal.

"Analisemos um ataque a baioneta.

"Eis uma tropa que avança ao encontro de outra; esta nada mais tem que fazer senão conservar-se calma, pronta para atirar, cada homem visando em cheio o que tem diante de si. A tropa assaltante chega a pequena distância, em que não se erra o tiro; quer se detenha, ou não, para atirar, será sempre inquietada pela outra que espera, calma, pronta, certa de sua ação.

"Toda a primeira fileira dos assaltantes cai fulminada, e o restante, pouco encorajado por esta recepção, se dispersa por si, ou com a menor demonstração de avanço contra ela.

"As cousas se passam assim? Não!

"Diante da força moral do ímpeto do atacante, a tropa assaltada perturba-se, atira para o ar, ou não atira sequer, e se dispersa em face do assaltante que, encorajado por esse fogo que o deixou de pé, redobra de ímpeto, para evitar outra descarga."

Eis o que é um ataque a baioneta.

* * *

A fuga para a frente. — Retornemos ao momento em que os soldados atiram parados.

Se o fogo do inimigo lhes causa poucas baixas, não manifestam, absolutamente, empenho de avançar; por sua vontade, eternizariam o tiroteio.

Os oficiais sentirão dificuldades em obrigá-los levantar-se, principalmente porque o homem, deitado, está, graças a esta posição, pouco mais ou menos indene e sabe que é muito perigoso oferecer o busto aos tiros.

Se, ao contrário, de pé ou deitados, os soldados sofrem perdas graves, torna-se difícil mantê-los em seus lugares.

Desejam ardente mente retirar-se; é preciso fugir, para trás ou para a frente; às vezes, nada obsta que o faça, de preferência, para a frente ou para a retaguarda.

Suponhamos que vão para a frente.

Eis que o batalhão chega a cem passos do inimigo; se marchou com resolução, há que apostar dez contra um que o inimigo já se retirou, ou que se retirará sem esperar mais.

Mas, o inimigo não se move!

Então, o homem perde o domínio de si próprio, o instinto de conservação domina-o completamente.

Há dois meios de evitar o perigo: fugir ou precipitar-se para a frente.

Precipitemo-nós!

Pois bem, por pequeno que seja o espaço, por muito curto que seja o instante que nos separa do adversário, ainda se revela o instinto.

Tal é o estado psicológico do soldado; é mister conhecê-lo para saber que precauções tomar, que formações escolher.

* * *

Vista de conjunto do combate. — Depois dêste exame analítico das diversas fases do combate, parece conveniente uma visão de conjunto.

Para tê-la, nada melhor que resumir dois ou três capítulos de Trochu; êles nos conduzirão até ao terreno.

Na qualidade de observador experiente, o general nos põe diante dos olhos a agitação dolorosa de uns, o sombrio abatimento de outros, o mutismo dos oficiais ordinariamente loquazes, a paralizia dos irriquietos que costumavam mudar sempre de lugar e que agora são incapazes não só de dirigirem como de serem dirigidos; as fraquezas dos soldados nos quais a emoção sufoca qualquer sentimento e que se deitam ou se esquivam, e, ao contrário, os tímidos, os obedientes, reputados simplórios, que se transformam repentinamente em sérbes tranquilos ou ardorosos, e se julgam heróis, com espanto de todos, e até de si próprios; o ar sacudido por mil ruidos surdos e agudos a um tempo; as zonas empoeiradas que os projéteis produzem quando caem rasando o solo; o som abafado do projétil que penetra num corpo; o retinir das armas de uma fileira atingida que tomba, dos cantis sacudidos; a agitação silenciosa dos solda-

dos que se apressam na marcha, que desejariam correr, incapazes que são de sofrer, parados, as sevícias dos estilhaços de obús; a espécie de *fuga para a frente* que arrasta toda a gente; os oficiais de ligação que se cruzam e que vêm de todos os pontos solicitar o reforço que todos os generais julgam precisar; os soldados solícitos em torno dos feridos, notadamente quando oficiais, e que se apresentam aos dez para carregar um homem até à ambulância, onde êles mesmos estarão livres de perigo, tudo isto se encontra naquelas páginas, sobretudo quando se sabe ler nas entrelinhas !

* * *

O medo. — De todos os quadros que pintam o que deve ser o combate, deve perdurar uma impressão: que o soldado nem sempre é bravo.

Isto é a verdade, porque o soldado é um homem e a realidade é esta :

O homem é um corpo e uma alma; seu corpo é de carne e de osso, e, por muito forte que seja a alma, ela não pode dominar o corpo a ponto de impedir a revolta da carne e a perturbação do espírito diante da destruição.

O coronel Ardant du Picq diz sem rebuços a cousa como ela é : *o homem tem medo.*

E acrescenta : “Há chefes e há soldados que desconhecem o medo, mas são gente de uma témpera rara. A massa estremece, porque não se pode suprimir a carne.”

A maioria marcha apesar de tudo, mas se guarda, faz sómente o que é estritamente indispensável, e só vai para a frente quando não há outro remédio, sob as vistas do chefe.

Alguns bravos os arrastam.

Ademais, há os pusilâimes, os que não podem ou não querem resistir à ação do medo e se escondem, fogem ou se prostram, sucumbidos.

“Não sei, diz o príncipe de Ligne em seus *Preconceitos Militares*, se é por não sabermos inspirar a valentia que nos custa crer na que imperava outrora nos exércitos de Roma e de

Cartago; o que é certo é que a metade dos que vi morria de medo antes de começar, e a outra metade não se mostrava tranquila, não tinha aspecto confiante.”

Ouvi Skobeleff sobre o mesmo assunto (extraído de uma conversação sua com um tenente americano, citada pelo general Pierron em seus *Métodos de Guerra*):

“... Há em toda tropa um certo número de frouxos que não desejam senão esquivar-se ao combate na primeira oportunidade; há também alguns atrevidos, que, ao contrário, avançam de qualquer maneira e se fazem matar; mas a grande maioria se compõe de indivíduos de coragem variável, sujeitos a vacilarem quando as coisas esquentam.”

Ouvi, ainda, o príncipe Hohenlohe nas *Cartas sobre a infantaria*:

“... Não se pode dizer o contrário, os homens são homens; em muitos deles o sentimento de conservação pessoal despertará.

“Certamente, há os heróis, que se encontram em todas as classes da sociedade; de minha parte, vi muitos, mas a grande massa dos homens não é heróica; é preciso compelir o soldado a praticar atos de heroísmo, é mister vigiar os homens e controlar-lhes a ação no perigo.”

Franceses, russos, alemães, é sempre a mesma causa; os povos europeus equivalem-se quanto à coragem, porque os soldados são homens; ora, o instrumento principal da guerra, não é o fuzil nem o canhão, é o homem, o homem com suas qualidades e suas fraquezas.

* * *

Como se manifesta o medo? — Há duas grandes séries de fenômenos:

Nuns, tremores, agitação extrema; outros, desânimo, abatimento; é o que se dá com a maioria.

E é por isto que vemos, na batalha de Canas, por exemplo, 60 mil romanos serem massacrados pelos soldados de Aníbal;

caíram-lhes as armas das mãos, diz Polibio; é a matança sem defesa.

Há, portanto, homens que se prostram, que se transformam num trapo, são o carneiro que se deixa degolar.

Há os medrosos da última hora; resistiram durante certo tempo, mas não conseguiram mais dominar o medo; esgotaram a reserva de força moral de que dispunham e então, fogem ou se lançam por terra.

Há o pusilânime que não ousa avançar e que faz o possível para escapar às vistas; esconder-se.

Há o que, na marcha através do bosque, por exemplo, se oculta numa moita e escapa aos chefes; o que finge estar ferido; o que presta socorro aos feridos para poder ficar para trás; o que perde voluntariamente sua munição para ter o pretexto de ir prover-se entre os mortos, mas que não volta; há o soldado que, tendo esfolado o pé, irrita a ferida em vez de tratar dela, para dizer que não pode mais marchar, e o cavalariano que mete uma pedra sob a sela para ferir o lombo do cavalo, a fim de que, desmontado, se torne necessário deixá-lo para trás; tem-se visto tudo isto.

Há o agitado que atira sem visar, e até sem colocar a arma no ombro, procurando fazer ruído para se animar, continuando o fogo desordenado até que o cano da arma lhe queime as mãos; o fogo, diz o coronel Ardant du Picq, é a válvula de segurança do medo.

Enfim, há o pânico, que é ainda mais grave do que os desalentos individuais; é uma questão que merece estudo especial, e dela trataremos depois.

* * *

O “gefreite” Arnold. — É interessante citar alguns exemplos dos efeitos do medo; eis o caso do *gefreite* Arnold, contado pelo capitão prussiano, autor do *Sonho de uma noite de verão*:

“Arnold era um dos melhores soldados de minha companhia; homem de confiança e de um devotamento comovente. Era um modelo para os outros soldados, muito bom atirador e

bom comandante de patrulha. Teria sido um excelente sub-oficial, mas era um pouco mole.

"Estávamos debaixo de fogo violento, mais ou menos a 500 passos de uma posição inimiga. Toda a minha companhia achava-se estendida. Sem poder remediar a situação, via com inquietação aumentar o nervosismo de meus homens.

"Todos atiravam deitados, e vi coronhas que não se erguiam do solo. Em certo ponto da linha de atiradores, surpreendi-me ao ver canos de fuzil que atiravam para o ar.

"Aproximando-me, percebi que havia na frente desses atiradores uma pequena elevação, apenas sensível, que os impedia de verem o inimigo. Nem por isso faziam um fogo menos vivo que o de seus camaradas, e suas balas, passando por cima da pequena elevação, iam perder-se ao longe.

"Com grande espanto meu, reconheci Arnold entre esses atiradores.

"Furioso, corri para ele, ergui-o a meio pelo ombro e gritei-lhe: — Em quê atiras! se tu não vês o inimigo?

"E como o ruido da fuzilaria abafava-me a voz, secundei minhas palavras com gestos vivos, sobre cuja significação não podia haver dúvida.

"Arnold virou a cabeça; seus olhos estavam esgazeados; evidentemente, não reconhecia seu capitão e, como nesse momento algumas balas sibilassem em torno de nós, deixou-se cair por terra e recomeçou a atirar com precipitação, como antes.

"A cólera empolgou-me; dei-lhe uma pancada com o punho do sabre..."

Eis um dos efeitos do medo.

Citarei ainda um, que colhi nas *Recordações* do marechal Canrobert. Foi a propósito do cerco de Zaatcha, em 1849:

"... Achava-me terrivelmente inquieto diz o marechal, no dia e na tarde que precederam o assalto a Zaatcha.

"Há os que pretendem não ter sentido nunca o temor da morte... não acredito nêles!

"Fiz meu testamento, e depois escrevi u ma longa carta a meu amigo Marbot.

"Em seguida, ocupei-me com a organização da coluna de assalto.

"... Ao nascer do sol, a coluna ocupou as trincheiras, de acordo com a formação prescrita.

"Depois de tomadas tôdas as disposições, enquanto cada qual esperava o sinal, um zuavo, de repente, saiu de forma chorando, soluçando, como numa crise de nervos: — "não pedi para vir! tenho medo!", exclamava êle a gesticular e correr pelas fileiras.

"Todos, em derredor, explodiam em gargalhadas e davam-lhe pontapés no trazeiro...

"Enfim, chegou o momento do assalto, etc. . . ."

* * *

Os oficiais. — E os oficiais ? perguntareis.

Bem ! êles são de carne e osso, como os homens; nêles a carne também tremete.

Mas a fôrça moral, nêles mais forte, por educação, pela vontade, permite-lhes resistirem á emoção.

Os primeiros momentos do combate são dolorosos (vede o que diz Skobeleff); depois, se preocupam com seus deveres, não pensam mais no perigo, dominam-se.

O oficial sabe que lhe cumpre dar o exemplo de coragem

Mais do que entre os soldados, encontram-se os heróicos; e assim deve ser. Mas há sempre alguns que não estão à altura de seus deveres, enganaram-se na carreira. Os que não têm fôrça de vontade suficiente para dominar os nervos devem abandonar o exército, não são mais chefes. Quando se é oficial, é indispensável que a idéia de sacrifício, aceita antecipadamente, não seja perturbada quando chegar o dia da prova.

O poltrão não é o que tem medo instintivamente; se assim fôsse, não haveria senão poltrões, mas aquêle que não consegue dominar o medo.

M. Legouvé, o acadêmico morto em 1903, disse isto em termos assaz justos:

"A pusilanimidade é o medo consentido. A coragem é o medo vencido."

Para élle, portanto, todos têm medo.

Entim, verificou-se que quem foi bravo um dia, poderá não ser sempre; questão de momento, de fadiga, de saude, etc.

E dêste ponto de vista que se faz mister compreender alguns atos de fraqueza referentes a certos oficiais; quantos, entretanto, passaram em silêncio! Vamos citar alguns.

O tenente Marin; episódio da guerra da África. — A 28 de setembro de 1845, o tenente Marin, antigo sub-oficial dos zuavos, conduzia de Tlemcen para Ain — Themouchent um destacamento de 200 homens destinados ao reforço dêste posto; eram, na maioria, homens que haviam tido alta do hospital.

Chegara apenas a 6 km . de Temouchent; o destacamento terminava o alto para o café, quando se divisou uma tropa de cavaleiros árabes que se reconheceram ser os de Abd-el-Kader, pela bandeira.

A' vista dêles, perdendo a cabeça, e lembrando-se, sem dúvida, do desastre de Sidi-Brahim sucedido na ante-véspera, em vez de se pôr em defesa, correu ao encontro do emir e ofereceu-lhe entregar-se com o destacamento, se sua vida e a de seus fôssem poupadadas.

Abd-el-Kader não esperava tanto; prometeu tudo quanto o tenente queria e gozou o orgulhoso prazer de ver 200 soldados franceses deporem as armas a seus pés.

Cerca de quinze meses depois, como resgate, os árabes entregavam em Nemours onze prisioneiros franceses, únicos sobreviventes dos episódios de Sidi-Brahim e de Ain-Temouchent; os outros tinham morrido de inanição ou massacrados por ordem de Abd-el-Kader.

Enquanto se festejavam em Nemours os prisioneiros libertados, só um se conservava afastado, acabrunhado com a lembrança esmagadora de sua fraqueza de um dia: era o comandante do destacamento de Ain-Temouchent, o tenente Marin.

Julgado por um conselho de guerra, foi condenado à morte, mas o Supremo Tribunal anulou a sentença e o infeliz desapareceu levando, não se sabe para aonde, o remorso de sua falta, acorrentado impiedosamente à sua consciência.

(C. Rousset — *Conquista da Argélia*).

Recordação de Borodino. — Não mais que os alemães ou os franceses, estão os russos isentos das fraquezas humanas.

Eis o que narra o general russo Lowenstern em suas *Recordações da Campanha de 1812*:

“... Na manhã da batalha de Borodino, M. de Borck, oficial do regimento de Semenoffsky e ajudante de campo do comandante-chefe Kutuzoff, teve a infelicidade de ver seu cavalo derribado por uma bala de canhão e pisado. Julgando-o morto, correu a pé ao longo da frente do regimento.

“Por felicidade sua, o cavalo não morrera, fôra apenas atirado por terra pelo deslocamento do ar. O cavalo levantou-se e correu como um cão atrás de seu dono que, tendo perdido a cabeça, nada percebia e continuava a correr. O oficial tinha o espirito de tal maneira transtornado pelo perigo do qual acabara de escapar, que se atirava ao chão tôda a vez que um obuz lhe passava acima da cabeça, e como esta cena se reproduziu repetidamente diante de seu regimento, cobriu-se de vergonha.

“Como vi que êsse pobre rapaz nem sequer desconfiava que seu cavalo o seguia, aproximei-me dêle para avisá-lo e auxiliar-lhe a montar de novo. Mas perdera a tramontana a tal ponto, que já não cuidava mais de acompanhar o comandante-chefe; dirigiu-se para a ambulância e lá permaneceu enquanto durou a batalha, servindo chá aos camaradas feridos e cuidando dêles.

“Estes ficaram-lhe, sem dúvida, muito reconhecidos, mas sua reputação e sua honra aviltaram-se e seus camaradas não quiseram mais vê-lo.”

Depois de Plewna. — Eis, ainda uma fraqueza russa, que colhi nas *Recorpações* do coronel Wonarlasky, relativas à campanha de 1877, na Bulgária:

“... Escoltava eu o Grão-Duque que viera inspecionar as tropas que haviam participado da derrota de 18 de julho diante de Plewna, a fim de reerguer-lhes o moral.

“Quando chegou ao flanco direito da N.^a divisão de infantaria, o tenente-general X..., comandante dessa divisão, avançou para fazer seu relatório verbal; sem responder sequer aos cumprimentos do general o Grão-Duque lhe disse:

“— Ouvi dizer que desejaís pedir uma licença e regressar à casa.”

“O general ficou rubro como uma lagosta cosida.

“— Parece-me que estais doente! Pois bem, passai o comando de vossa divisão ao general-major S...; podeis partir.”

“— Quando devo partir? balbuciou o general inteiramente acabrunhado.

“— Quanto mais cedo melhor”, respondeu-lhe o Grão-Duque, deitando-lhe um olhar de desprezo.

“Parece que o general X... fôra o verdadeiro causador de um pânico manifestado nas retaguardas do exército, no dia imediato à derrota de Plewna, e que repercutira até à ponte de Sistowa, no Danúbio.

“Seu sistema nervoso não tinha podido resistir às cenas horrorosas da batalha e, notadamente, às que testemunhou após a batalha: tomou um carro e fugiu, espalhando o alarme.”

* * *

Ensinamentos. — Quando se pode ser chamado, como acontece a todos nós, a participar um dia ou outro desse grande drama que é a batalha, é sempre interessante revolver as idéias que a ela se prendem e colher as impressões dos que a assistiram.

Não é, entretanto, dêste ponto de vista apenas, que desejo dizer algumas verdades sobre as realidades do combate; é,

VII—POR QUE CAVALARIA?

Capitão TASSO DE AQUINO
Cavalaria.

Veze sem conta tenho ouvido, e estou certo de que os meus companheiros de arma tambem, que "a Cavalaria é uma arma do passado". O estranho é que essa afirmação não parte de civis, o mais das vezes, mas de militares, quasi sempre do exército. Perfeitamente aceitavel quando feita por civis que, desconhecendo os fatores que ditam o emprego das armas no combate, vêm no cavalo a única razão de ser da Cavalaria, escandalizando-se quando ouvem falar, por exemplo, em Cavalaria Mecanizada; ela é, entretanto, absurda quando parte de elementos que fizeram da carreira militar a sua profissão e que, por conseguinte, não desconhecem que não são os meios que determinam a existência das armas e serviços, mas as necessidades imperiosas da guerra.

Que necessidades determinaram a existência da Cavalaria?

A de ser o Comando constante e seguramente informado sobre o inimigo;

a de possuir ele uma reserva móvel de maneira a poder rapidamente ser lançada para um flanco ameaçado, ou para tapar uma brecha aberta no seu dispositivo, durante o combate;

a de explorar, quanto antes, o êxito conseguido, de forma a não dar ao inimigo oportunidade de se reorganizar e oferecer nova séria resistência.

Quem poderá cumprir essas missões?

Uma arma mais móvel que as demais e dotada de potência de choque e de fogo bastante para leva-las a cabo.

Que arma será essa ?

A Cavalaria.

Fizeram os extraordinários progressos introduzidos nos meios de conduzir a guerra desaparecer essas necessidades ? Deixarão elas de existir enquanto, vez por outra, os povos tiverem de recorrer à força das armas para decidir suas questões, enquanto, por conseguinte, existirem os exércitos ?

Não.

Não desapareceu, portanto, a Cavalaria, nem desaparecerá jamais.

Cavalaria não quer idzer cavalo, mas mobilidade, flexibilidade.

O cavalo deu-lhe o nome porque, enquanto o infante se deslocou a pé, foi o cavalo o mais rapido meio de transporte no campo de batalha, o que deu, portanto, mobilidade á arma.

Nos dias presentes, em que a maquinaria pretende monopolizar os campos de batalha, a Cavalaria lançou também mão dela, no que apresenta de mais leve e mais móvel em suas aplicações à guerra, e continua a ser mobilidade, com potência de choque e de fogo bastante para levar a cabo as suas missões.

Deverá por isso perder seu tradicional nome ?

Não.

E por que não ?

O infante hoje não se desloca sómente a pé, mas em caminhões, até em aviões, para cumprir as suas mesmas missões do passado: — conquistar e manter o terreno conquistado.

Mudou por isso o seu nome a gloriosa rainha dos campos de batalha ?

Não, acrescentou apenas a ela alguma cousa mais : Infantaria Transportada, Infantaria Motorizada, Infantaria Transportada pelo Ar, etc.

Por que ?

Porque o que define a Infantaria não é o deslocar-se a pé, mas ser a arma capaz, por suas características, de conquistar e manter o terreno conquistado.

Pela mesma razão a arma mais móvel continuará a se chamar Cavalaria, ou Cavalaria e mais alguma cousa: Cavalaria Mecanizada, Cavalaria Transportada, Cavalaria Motorizada, etc.

Não é a primeira vez que a Cavalaria se transforma em consequência dos progressos introduzidos na arte da guerra.

Ela teve a princípio no cavalo toda a sua mobilidade e a mais poderosa arma de choque; o seu sistema de combate era então a carga em massa, terrível, devastadora, decisiva. As metralhadoras, com o seu fogo mortífero e poderoso não permitiram mais, ou permitiram muito poucas vezes o emprego da Cavalaria em massa, nas cargas decisivas.

Que fez ela então?

Armou-se também de metralhadoras e F. M., continuou a utilizar-se do cavalo, como o mais rápido meio de transporte, para levar o seu fogo o mais próximo possível do inimigo, e apeou para o combate, sempre que isso foi necessário ao cumprimento das missões a ela aféitas.

Esta guerra trouxe a máquina para os campos de batalha.

Que fez a Cavalaria?

Muniu-se também de máquinas mais leves, mais moveis que as utilizadas pelas demais armas, máquinas que lhe dão a mobilidade desejada, e continua a cumprir as suas tradicionais missões: — manter o comando seguramente informado, proteger um flanco ameaçado ou tapar uma brecha no dispositivo amigo, explorar a fundo o êxito conseguido.

O domínio da máquina fez, entretanto, desaparecer o cavalo dos campos de batalha? Creio que não, mas que motor e cavalo se completam, havendo ainda bastante lugar para o cavalo nesta guerra de máquinas.

Não concordo, assim, com esta outra frase hoje também muito em moda: — "no que concerne à guerra o cavalo é um animal de museu".

Não concordo e tenho bastante razões para isso.

Nesta guerra dois exércitos empregaram, e um deles ainda emprega, em larga escala, a sua Cavalaria a cavalo: o po-

lonês e o russo. O primeiro teve sua Cavalaria, como todo seu exército, completamente destruída em poucos dias de luta contra as divisões blindadas alemãs. Quanto ao russo, tem com grande sucesso empregado a sua Cavalaria a cavalo contra a maquinaria alemã e, em tão larga escala que, nas palavras do Coronel Kolemeitsev, oficial mecanizado do exército russo, "dificilmente se encontra uma operação em que a Cavalaria soviética não esteja tomando parte presentemente", e ainda mais "a combinação cavalaria-tanque é um poderoso trunfo nas ações moveis do exército vermelho", e "o princípio da tática soviética no emprego da Cavalaria não é influenciado pelos respectivos méritos de cavalo e motor encarados separadamente, mas por esses méritos em conjunto".

Qual a razão do sucesso da Cavalaria no exército russo?

E' que ela, muito longe de considerar o cavalo um animal de museu e sua Cavalaria uma arma do passado, dotou-a de poderosos meios de defesa e ataque contra os tanques e aviões alemães, sem grande prejuízo para sua mobilidade. No "The Cavalry Journal", de março-abril deste ano, encontramos os seguintes trechos em um artigo do mesmo Coronel Kolomeitsev, escrito para essa revista :

"Não é difícil imaginar-se uma força composta de Cavalaria e tanque penetrando fundo atrás das linhas alemãs. Os tanques, movendo-se nos flancos e na vanguarda da Cavalaria, quebram a resistência inimiga.

"Quando a defesa é muito forte, os cavalerianos apeam e, suportados pela sua artilharia, atacam em combinação com os tanques, como infantaria. Depois, montado outra vez, recuperam a mobilidade e em colaboração com os tanques se lançam em uma perseguição sem tréguas do inimigo em retírada".

Foi assim nas batalhas de Taganrog, Stalingrado, Odessa, Korsun-Shevchenkovsky, nas lutas que se têm travado dentro da Polónia e da Hungria, e em quasi todas as operações ofensivas do exército russo.

Mas, não só em combinação com tanques têm os russos empregado com resultado sua Cavalaria a cavalo. Também em estreita coordenação com a Aviação tem ela agido.

Em artigo intitulado "Aviação-Cavalaria em Bryansk", do Coronel do exército russo V. Ukhov, encontramos a confirmação do que foi dito acima.

Nesse artigo, publicado no "The Cavalry Journal" de setembro-outubro, o Coronel Ukhov descreve a ação conjunta Cavalaria-Aviação russas em Bryansk, e a maneira como foi ela executada, com os melhores resultados.

São do citado artigo os trechos seguintes:

"A missão atribuída às unidades de Cavalaria operando no setor de Bryansk foi penetrar pelas brechas na defesa alemã e, por ataques de surpresa e violentos nos flancos e na retaguarda do adversário, ampliar o sucesso conseguido pelas forças engajadas.

"Depois lançaram-se em direção à importante linha de comunicações inimiga, corta-la, e dessa maneira ameaçarem os alemães de envolvimento.

"Para isso os aviões de caça deveriam cobrir decisivamente as formações de combate da Cavalaria; enquanto os bombardeiros e aviões de ataque colaborariam com a Cavalaria no ataque.

"Cuidadoso plano foi preparado para cobertura da Cavalaria, nas várias fases de suas operações. Esse plano compreendeu 3 fases distintas: o momento de concentração da Cavalaria; o momento da penetração nas brechas abertas; e a ação dentro das defesas inimigas".

Também no exército norte-americano, o exército mais moderno e poderosamente equipado do mundo, encontramos vozes que se levantam em favor da Cavalaria a cavalo. Uma dessas é a do General Hawkins.

O General Hawkins escreve regularmente para o "The Cavalry Journal" umas "notas" cheias de experiência e valor profissional.

Em uma dessas "notas", publicada no "The Cavalry Journal" de setembro-outubro, ele faz rápido estudo da presente campanha na Europa Ocidental, desde as operações de desembarque na costa francesa até o avanço dos exércitos aliados ao N. e E. de Paris. Mostra o general que o emprego de Corpos de Cavalaria, modernamente equipados, por parte dos aliados, em combinação com as unidades blindadas, a exemplo do que fazem os russos, teria apressado a queda do porto de Cherburgo, causado o completo envolvimento e total aniquilamento do 7.^º Exército alemão, como foi o 6.^º Exército em Stalingrado e, finalmente, o sucesso que tem sido conseguido com a ruptura de diferentes pontos na "Siegfried" estaria sendo mais eficazmente explorado.

Entretanto, o General Hawkins concorda que, apesar da falta de Cavalaria na frente da França, as operações ali se têm desenvolvido rapidamente em favor dos aliados. Não assim, entretanto, na campanha da Itália, onde as operações poderiam ter sido bastante aceleradas tivesse a Cavalaria sido empregada.

E, conclui o General Hawkins:

"Quantos objetivos existem ainda à frente dos nossos exércitos, onde a Cavalaria seria não só útil, mas necessária? Recorrerão os nazis às guerrilhas? Conhece alguém em que longínqua região ou difícil terreno, será necessário lutar contra o último dos cúmplices do nazismo? Não será a Cavalaria extremamente necessária nas Filipinas? Em Burma? China?"

A evidência dos fatos leva-nos a concluir que poderão pagar bem caro os exércitos que por excesso de modernismo se descuidarem de sua Cavalaria a cavalo. Ela não é arma que se possa improvisar á ultima hora, muito ao contrário, requer uma longa e cuidadosa preparação.

Seu sucesso no combate depende, hoje como dantes, de que seja dotada de moderno e adequado armamento, empregada dentro de suas possibilidades, e no lugar e momento exatos.

Quer parecer-me, assim, que o mais acertado, no que concerne á Cavalaria, será desenvolverem-se paralelamente a Cavalaria, a cavalo e a motor, como fez o russo, ao contrário do alemão que quasi extinguiu sua Cavalaria, confiando exclusivamente á maquinaria a sorte da nação.

Eis porque, usando a fita branca e as lanças cruzadas da Cavalaria, mesmo a cavalo, sinto-me perfeitamente dentro da época e vejo minha arma cada vez mais capaz de cumprir as missões que requeiram maior mobilidade.

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

FILIAL DO RIO DE JANEIRO

RUA MAYRIÑK VEIGA, 28 - Loja

Tel. 23-1655—Caixa Postal, 1534—End. Tel. «JAVASCO»

MATRIZ:

RUA FLORENCIO ABREU, 210
END. TELEGR. «MECHANICA»
CAIXA POSTAL 51-S. PAULO

FILIAL EM LONDRES

AFRICA-HOUSE
KINGSWAY
LONDON, W. C. 2

Sedas

Novidades

Os proprietários da casa

Sedas Ouvidor

160, OUVIDOR, 160

Tel. 43-6040
RIO

O Reservista Rodoviário (1)

Capitão *Antônio Augusto Joaquim Moreira*

A missão do Exército — primordial, é a da preparação para a Guerra.

Esse preparo constante e ininterrupto é conseguido através da instrução intensiva prevista para os jovens em idade militar. Instrução que visando manter um núcleo permanente de segurança, periodicamente é ministrada áqueles que egressando do meio civil vêm prestar á sua Pátria o tributo que os tornarão cidadãos na verdadeira acepção do termo. Términado esse preparo mínimo retorna o homem a suas atividades particulares levando consigo conhecimentos técnico-militares que o habilitarão, após o necessário período de readaptação, a defender pelas armas, se preciso for, seu terrão natal.

Em poucas palavras — *a missão do Exército é preparar reservas.*

O preparo dessas reservas, modernamente, com o desenvolvimento assombroso dos meios técnicos, exige cada vez mais aparelhagem especializada com o domínio absoluto da máquina e do aparelho de precisão.

A guerra que há mais de um lustro vem lavrando sobre o mundo veio demonstrar á saciedade essas afirmativas.

Vemos um exército opor uma linha de fortificações consideradas inexpugnáveis ao inimigo e este introduzir novos meios e métodos de ataque completamente revolucionários; assistimos ao aparecimento de minas magnéticas que, julgava-se, definiram em pouco tempo o domínio dos mares e, logo após, estava o problema resolvido; foi aumentado o poderio e alcance da ar-

(1) — Este artigo merece o meu aplauso. Penso do mesmo modo que o Autor. — Cel Lima Figueiredo.

tilharia anti-aérea e com isso se considerava impossível a localização dos alvos pelos aviões que assim se veriam compelidos ao vôo a grandes alturas — o "radar" foi a solução; para o desembarque em costas arenosas, sem profundidade suficiente, surgiram barcaças apropriadas, portos desmontáveis, etc.

E nesses duelos de perícia técnica pode-se dizer, sem exagero, que é a Engenharia a arma que maiores novidades tem apresentado.

Surgiram inúmeros tipos de minas e, consequentemente, os dispositivos e meios manuais ou mecânicos de sua localização, neutralização, destruição e retirada. Apareceram os mais variados modelos de pontes de equipagem-metálicas, de madeira com suporte de barcos de borracha etc. Fizeram aparição ou tiveram enormes desenvolvimento os lança-chamas, manuais ou montados em tanques, os tubos de destruição "Bangalores" etc..

Os meios e processos de transmissão apresentaram também grandes novidades.

O presente conflito veio desfazer por completo o conceito de que era a Engenharia a arma essencialmente do trabalho afirmando, isso sim, ser ela uma arma efetivamente combatente — pelo fogo ou pelo trabalho conforme o caso e não eventualmente.

De todos os setores, entretanto, o que mais revolucionou a Engenharia militar foi o relativo às comunicações e instalações.

Da pá e picareta e caminhão ou carroças hipmóveis passou-se á era do trator com escavadeira, angledozers, scrapers, auto-patróis, perfuratrizes, guinchos mecânicos, caminhões especializados e todo o múltiplo equipamento necessário á construção, reparação, conservação e melhoramento de estradas, aeroportos, portos, abrigos, organizações, fortificações etc..

O emprêgo dessas máquinas, a sua manutenção, reparos, deslocamentos etc. exigem do pessoal conhecimentos técnicos muito elevados só adquiridos após longo tempo de aprendizado.

O Brasil, país novo, cuja mecanização embora já tenha atingido certo vulto ainda está em fase incipiente, ressentindo-se da falta do homem especializado.

São êsses os motivos que nos levam a considerar indispensável a existência de unidade de Engenharia onde se ministre instrução de emprego dessas máquinas — as Unidades Rodo e Ferroviárias.

Por experiência própria temos constatado não estarem, no nosso modo de ver e no de colegas com que temos lidado, as atuais Unidades Rodo-Ferroviárias atingindo a sua principal finalidade.

Julgamos que o objetivo principal da arma de Engenharia neste setor não é construir estradas, já que essa não é missão do Exército e sim preparar reservistas rodoviários.

O que até então se vem observando com Unidades ou Comissões Rodo-Ferroviárias é que a preocupação única e exclusiva é saber-se quantos quilômetros foram construídos.

Ha os que alegando que as Unidades Rodo e Ferroviárias atuais bem assim as Comissões encarregadas da construção de estradas mantêm civis em funções especializadas, querem com isso, talvez, demonstrar que também assim se prepara o homem para o serviço técnico. Essa idéia é errônea já que não preside quando no preparo dessa gente a idéia da *formação em série* isto é, a preocupação de se obter no fim de um certo período um determinado número de pessoal especializado.

Atualmente, o objetivo, como já dissemos, se mede pelo número de quilômetros construídos, quando sob o ponto de vista militar deveria ser medido pelo número de *reservistas formados*.

E' claro que o melhor resultado seria a combinação *reservistas x quilômetros* já que assim estariam sendo atingidos duas finalidades — a militar e a civil.

Acresce ainda contra as atuais Comissões e Unidades Rodo e Ferroviárias que estas empregam em seus trabalhos civis reservistas de outras armas os quais, quando mobilizados, serão incorporados. Como se conseguirá então satisfazer a neces-

sidade de grande número de elementos capazes para as Unidades de Engenharia quando da mobilização?

E' fora de dúvida que o Brasil carece de rodovias em maior número e melhor construídas, mas também tem necessidade de reservistas para seu Exército.

Pode-se porém atender às duas questões com a existência de Batalhões ou Regimentos Rodo e Ferroviários, mas como Unidades de instrução.

Essas Unidades, receberiam praças reservistas com engajamento por dois anos. Constariam em seus efetivos praças especialistas e artífices em quantidade, tais como: tratoristas, maquinistas, motoristas, plainadores, mecânicos, torneiros-mecânicos-eletricistas, graduados especialistas no manéjo de aparelhos técnicos de topografia e engenharia — trânsitos, níveis, clinômetros, bussolas, etc.

E' claro que para se conseguir praças capazes e habilitadas no desempenho dessas funções, que exigem apreciáveis conhecimentos, seria imprescindível que o recrutamento para a incorporação dessas Unidades merecesse todo o cuidado, tornando-se necessário que fosse exigido dos reservistas rudimentos de algumas dessas especialidades ou relativa capacidade de instrução que facilitasse seu aproveitamento nessas funções.

Não cabe neste rápido bosquejo, que visa apenas mostrar a necessidade de formação de reservistas rodo-ferroviários, a demonstração minuciosa do recrutamento e da composição em pessoal e em material de uma Unidade Rodoviária ou Ferroviário, que constitue assunto ainda a ser estudado. Queremos, desta forma, contribuir com a nossa modesta parcela de esforço apresentando aos camaradas darmos as nossas observações sobre o assunto.

Estamos convictos que as Unidades Rodoviárias e Ferroviárias trabalhando pela nossa *reserva*, ao licenciarem anualmente reservistas *técnicamente e militarmente capazes*, estariam também, lançando a sociedade jovens mais preparados, contribuindo dessa maneira para minorar a falta de artífices e técnicos que tanto entrava os justos anseios e necessidade criadora de nosso povo.

«A TERCEIRA FRENTE»

Pelo Major F. O. MIKSCHÉ

Publicado pelo "Military Review", órgão oficial da "Command and General Staff School", Fort Leavenworth, Kansas — U.S.A. (setembro de 1944).

Tradução e notas do 1.^o Tenente

OTÁVIO ALVES VELHO

NOTA DO TRADUTOR :

Embora este artigo haja sido escrito antes da invasão da França pelos Exércitos Aliados, julgamos continuar oportuna e interessante a sua divulgação em nosso meio.

Cumpre ressaltar, de início, a personalidade do autor, brilhante oficial do Exército Tcheco-slovaco, já consagrado internacionalmente graças à publicação de notáveis livros militares como "Attack", "Is Bombing Decisive?" e "Paratroops", alguns dos quais foram traduzidos para o nosso idioma.

Quanto ao assunto em si, encerra valiosos ensinamentos que perdurarão por muitos anos, oferecendo assunto para sérias cogitações por parte não só dos oficiais da E. M. como de todos os militares em geral, e também dos estadistas e homens públicos.

Principalmente nós, brasileiros, devemos ter em conta o vasto campo de possibilidades que se apresenta à luta de guerrilhas em nosso país. Aí estão, nas páginas da história pátria, como verdadeiros marcos balizando-nos um rumo a seguir, os feitos heroicos dos que, nos albores da nacionalidade, repeliram os poderosos invasores holandeses, apelando sobretudo para as artimanhas da guerrilha: os Fernandes Vieira, os Henrique Dias, os Filipe Camarão, os Jerônimo de Albuquerque — toda a pléiade admirável dos capitães das "companhias de emboscadas".

E o grande Euclides da Cunha, ao nos falar em "Os Sertões", das dificuldades encontradas pela tropa regular para desbaratar os "jagunços" de Antônio Conselheiro, deixou-nos magníficas reflexões, cheias de bom senso e erudição, a respeito da interdependência entre os processos de combate, o terreno e os meios, mormente em face da superioridade por certos pormenores de ordem técnica, aquilo mesmo que podemos ler, em outros termos, no presente artigo.

Outros motivos de meditação a tal respeito podemos encontrar em muitas páginas épicas das nossas campanhas internas, como no caso da "Guerra dos Farrapos" e na retirada da "Coluna Prestes".

Por fim, mas não por último, devemos lembrar que acima de tudo, pesa, em favor de tais considerações, a peculiar predisposição dos nossos homens para as lutas de pequenas frações, em que predominam o arrôjo, a astúcia e o entusiasmo individual. São fatos de hoje — e glória do Brasil — os lances esplêndidos de nossos expedicionários nos campos da Itália. Lá revelam-se êles mestres consumados nas ações de patrulhas, nos golpes de mão, nas sortidas temerárias, a que podemos — para usar a linguagem da época — dar o nome genérico de "ações de comandos", embora em terra firme

* * *

A presente guerra veio por em foco elementos jamais revelados em qualquer outra luta armada da história da humanidade.

O emprêgo exagerado da frase feita "Guerra total", tem-nos levado a esquecer que, nos países diretamente afetados pelo conflito, raramente subsiste alguma parcela da vida cotidiana alheia à influência da luta. "Guerra total" — no sentido corrente — refere-se quase só aos bombardeios aéreos.

* * *

Os exércitos modernos são máquinas das quais em geral só percebemos os instrumentos indicadores. Por trás destes,

todavia, trabalha um mecanismo extremamente complexo, no qual as engrenagens da vida industrial, da economia, do elemento humano e do moral deste se acham intimamente entreladas. A mais ligeira perturbação no mecanismo é inevitavelmente assinalada por embarracos na ação das tropas combatentes em pleno campo de batalha.

A dependência cada vez maior em que se encontra a organização militar em relação à retaguarda, acarreta como consequência a possibilidade da guerra total ser perdida não só na linha de combate, como na própria frente interna da nação. Naturalmente, em outros tempos já se recorreram a perturbações na retaguarda das forças armadas com o fim de desorganizá-la. Como exemplos podem-se citar: a ação de guerrilhas no tempo de Napoleão, na Espanha e na Rússia; os franco-atiradores de 1870, na França; e, mesmo na 1.^a Guerra Mundial, o movimento de resistência franco-belga e os bandos de "partisans" nos Balcãs.

Nenhum desses movimentos, entretanto, atingiu resultados comparáveis em importância aos de seus similares atuais, devido a três razões principais :

- 1 — Nos tempos antigos, os exércitos combatentes não estavam tão presos à zona do interior e às suas bases econômicas e industriais como sucede com as modernas forças supermecanizadas: nestas, a ausência de um pequeno sobressalente pode tornar inútil uma arma valiosa. Para exemplificar: outrora, quando dois dos seis cavalos atrelados a um canhão ficavam fora de combate, ele poderia continuar sendo tracionado pelos quatro restantes; hoje, se um carburador falha ou uma lagarta se quebra, fica imobilizado um carro de combate. E mais do que isso, cavalos esfomeados podem, embora com dificuldade, ser obrigados a trabalhar, mas veículos blindados sem óleo ou gasolina nada podem fazer e permanecem indefesos.
- 2 — Os movimentos de resistência não podem transformar-se em movimentos de massas sem possuirem um fundamento

ideológico ou político. Nos dias que correm, todos os povos reconheceram que se acham em conflito duas conceções de vida diametralmente opostas, e que do resultado da luta dependem não só a existência nacional como também a existência e a liberdade individuais. Isto faz com que os invasores germânicos sejam odiados em todos os países europeus e creou uma irrestrita solidariedade entre estes: em todos aqueles que foram ocupados, as frentes de resistência constituem presentemente movimentos de massas.

3 — No passado faltavam os recursos técnicos para fornecer auxílio moral e material, se a vontade de resistir ao inimigo quizesse assumir o aspecto de ação clara e positiva. Agora, o rádio é não só um meio eficiente de propaganda, mas ainda de comunicação, transmitindo ordem e coletando informações. Os aviões podem levar ajuda concreta sob a forma de armas, explosivos e instrumentos, sem falar no desembarque de agentes, instrutores e chefes. Deste modo, os movimentos de resistência que antes se restringem à ação local, podem ser agora reunidos em um conjunto harmônico, não apenas no interior de um país, porém através das fronteiras. Assim, a estratégia da frente externa pode ser coordenada com a da frente interna.

Qual a situação em que atualmente se encontram os alemães? (1)

A conquista e a ocupação da Europa eram para eles necessidades estratégicas. O continente oferecia não só a base indispensável para operações posteriores visando o domínio do mundo, como igualmente vital importância para o fornecimento de alimentos, matérias-primas e produtos industriais, que constituiram o segundo pretexto para o desencadeamento da guerra mundial.

De 1940 a 1942 os alemães lançaram-se a sucessivas campanhas sob a forma de movimentos de grandes pinças, com

(1) — Cumpre reportarmo-nos à época em que o artigo foi escrito.

o fito de cercar seus oponentes na Noruega, França, Balcans e Rússia. Assim procedendo, desprezaram um princípio de seu mestre Clausewitz, segundo o qual quanto mais se distancia um exército de suas bases, maiores se tornam suas linhas de comunicações e maior o número de pequenos destacamentos deixados para trás guardando-as. Daí advém o risco do que inicialmente cercava o inimigo passar a ser por este cercado. Tal é a situação dos alemães na Europa, atualmente.

Levando em consideração que as mulheres e crianças se acham englobadas nos totais das populações, é possível dar uma idéia aproximada da posição do conquistador, com o seguinte quadro :

País	Tropas de ocupação alemãs incluindo forças auxiliares, Gestapo, Policia, etc.)	População total (em milhões)	N.º de habitantes para cada alemão
França	500.000	42,0	80
Bélgica	100.000	8,5	85
Holanda	100.000	8,0	80
Dinamarca	40.000	3,6	90
Noruega	150.000	2,8	18
Balcans	200.000	21,5	102

E o que é mais importante: no próprio Reich há trabalhadores estrangeiros escravizados, cujo número se eleva seguramente a 8 milhões. Como um cavalo de Troia, estes inimigos da Nova Ordem de Hitler foram levados pelos nazistas para o interior da própria cidadela da Fortaleza da Europa. E' assim que, no quinto ano de guerra, os germânicos se encontram cercados tanto por fóra como por dentro.

* * *

A oposição aos alemães — é necessário observar — assume diferentes aspectos conforme o temperamento nacional e a estrutura geográfica dos vários países.

Nos Balcãs, os camponeses lutaram durante séculos contra a dominação dos turcos; para êles, pois, a resistência franca e ativa é uma tradição. Já é bem diferente, contudo, nos países industrializados do Ocidente, onde o trabalhador substitui o fuzil e a granada de mão pela sutil técnica da sabotagem. Diversa também é a mentalidade do povo tcheco, em plena Europa Central, que, além de se dedicar à sabotagem, exagera os conquistadores por meio da resistência passiva e de uma simulada estupidez (2).

A estrutura geográfica de cada país exerce, por sua vez, decisiva influência na tática da resistência. Na Europa Ocidental, uma bem desenvolvida rede de comunicações de toda espécie apresenta margem para que extensas áreas sejam guardadas por contingentes relativamente reduzidos. Isto impede que o movimento de resistência saia da sombra para tornar-se um franco movimento de massa. Sua atividade, todavia, consiste na sabotagem individual e em pequena escala. Esta, malgrado executada por elementos isolados, é ampliada em seus efeitos pela organização judiciosa, de modo que êstes equivalem aos que seriam obtidos com maior número de agentes, acarretando sérias perturbações. Só em casos excepcionais há luta aberta, geralmente quando os patriotas se vêm obrigados a proteger-se e defender-se contra ataques do adversário. Toda operação em grande escala corre o risco de ser descoberta prematuramente e dar lugar a selvagens represálias, de que os habitantes não poderão escapar por não lhes ser possível fugir a cavalo ou em avião. (3).

Não obstante, êste sistema de resistência traz graves danos para os nazistas. Todo o tráfego ferroviário, mesmo dos trens a vapor ou a óleo, é, em última análise, função do uso da energia elétrica. Sistemas de sinalização, chaves de desvios, plataformas circulares, iluminação, transmissão de mensagens

(2) — Esta modalidade de resistência foi bem ilustrada pelo romance "Refens", de que já foi exibida entre nós uma versão cinematográfica.

(3) — Pois todos são confiscados logo de início pelos alemães.

— são normalmente elétricos. Qualquer transtorno nestes produz interrupções do tráfego, ainda quando a via permanente ou o material rodante não sejam diretamente atacados.

A resistência em terreno montanhoso onde o combate em campo aberto é possível, apresenta-se sob várias formas. Torna-se muito difícil, para as autoridades de ocupação, observar tudo ao mesmo tempo, o que requer maiores efetivos do que os atualmente disponíveis por parte dos alemães. A busca sistemática dos numerosos esconderijos exige destacamentos numéricamente fortes, mesmo que os combates não passem de meras escaramuças. É o mesmo que "procurar agulha em palheiro". Os refúgios naturais são aproveitados para locais de reunião pelos "partisans", que os utilizam também como bastiões de resistência, guarnecendo-os frequentemente com vários milhares de homens. Daí eles saem para incursões nos vales, atacando nas estradas os transportes do inimigo e pilhando o seu equipamento, ou os depósitos de víveres, armas, munições e gasolina, ou mesmo as bases aéreas e os postos de comando. Em resumo: mantêm toda a tropa de ocupação em permanente estado de alerta.

Seria um êrro concluir do que ficou dito, que há unidades fixas como sucede com as tropas regulares. Os chefes reunem suas forças para ações rápidas e logo elas se dispersam em pequenos grupos, com ordem de se reunirem para dinamitar algum objetivo ou fazer qualquer outra coisa em determinados lugares. Isto torna a tarefa das tropas de ocupação ainda mais penosa, e explica também porque certos centros de resistência foram estabelecidos, a oeste nos Alpes da Savoia e a leste nas Montanhas Balcânicas.

* * *

A luta dos "partisans" no leste é coisa completamente diferente. Esta é uma verdadeira guerra, não expontânea, porém prévia e cuidadosamente planejada: uma ação, enfim, preparada e organizada.

Nos grandes campos sem estradas, cobertos de bosques e à miude pantanosos, unidades do Exército Russo foram deliberadamente deixadas para trás com armas e equipamento, para formar núcleos aos quais os "partisans" locais poderiam reunir-se. Estabeleceram-se simultaneamente as bases para uma contínua colaboração e o reabastecimento de armas e viveres; assim, a ação dos "partisans" entrosava-se com a da frente de combate propriamente dita.

Os Russos interpretaram à sua moda o conceito que o citado Clausewitz formulara por ocasião da revolta prussiana em 1813: "Por meio do reforço dos guerrilheiros com pequenos destacamentos do exército regular, o Comando-em-chefe permanece senhor da situação e pode manter sob controle a insurreição popular, dirigindo-a conforme seus planos. Sem este estímulo e êste apôio, os cidadãos perdem a confiança e a coragem para pegar em armas. Quanto mais destacamentos o General Cmt. destinar a êsse fim, tanto maior será o entusiasmo despertado e maior a facilidade de arrastar as massas consigo."

* * *

Não há dúvida que a luta de guerrilhas por si só nunca é decisiva. Os "partisans" não se podem opor a uma tropa regular com perspectivas de êxito final. A decisão da guerra resulta do choque entre dois exércitos perfeitamente equipados. Indiretamente, porém, êste resultado pode ser poderosamente influenciado pela atividade dos guerrilheiros.

Na próxima fase final da presente guerra, todos os meios devem ser explorados ao máximo, e um dos mais essenciais é o emprêgo correto e racional dos movimentos e organizações de resistência existentes.

No momento da invasão o grosso das forças alemãs acorrerá do interior para os setores da costa ameaçados, a fim de impedir os desembarques aliados. O interior do país ficará, até certo ponto, desguarnecido, e as organizações de resistência terão campo livre para agir. Os grupos já reunidos pode-

não entrar em ação imediatamente, como se fossem tropas paraquedistas, em proveito dos Aliados, desde que tenham recebido as necessárias instruções, bem como armas, munições, meios de transmissão, etc. Em qualquer hipótese, sua tarefa não será a das tropas paraquedistas regularmente organizadas, mas graças ao seu conhecimento do terreno e do idioma e a sua ligação íntima com os habitantes, estarão em condições de controlar completamente extensas zonas do território ou de mantê-los permanentemente em tal desordem que caiam facilmente nas mãos das forças aliadas em seu avanço (4). Isto será particularmente valioso em terreno acidentado, onde os movimentos do inimigo são condicionados por um pequeno número de estradas, via de regra nos vales.

E' claro que o Alto-Comando Alemão já tomou suas medidas preventivas com relação aos moradores dos lugares onde poderá se dar a invasão. Resta-nos saber quão longe essas precauções, estudadas minuciosamente, poderão realmente ser levadas em face de grandes massas absolutamente hostis. A missão principal dos alemães será impedir as populações de fugir para as florestas e montanhas. Se a vida industrial e comercial ficar paralizada, como poderá acontecer, a neutralização da população tornar-se-á certamente um problema muito difícil.

Por outro lado, entretanto, os patriotas terão grandes oportunidades diante de si. A força de ocupação relativamente fraca deixada no interior, não poderá intervir ao mesmo tempo em toda parte e será impotente para conter uma sublevação em massa.

Então virá o momento em que se tornará possível operar na retaguarda da frente ocidental alemã, análogamente ao que se pôde observar atrás da frente oriental ou ao que presentemente se passa na Iugoslávia: — golpes rápidos, irrupções nas linhas de comunicação, explosão de pontes, destruição de

(4) — Parece-nos que, em linhas gerais, isto é o que estava previsto para a invasão da França. Não sabemos até que ponto foi possível realizar tal cooperação.

depósitos e de linhas telefônicas e aparelhos de sinalização, falsos alarmes — em suma, inúmeras ações, grandes e pequenas, que, corretamente conduzidas e orientadas, constituirão uma verdadeira frente por trás da frente de batalha.

Resistência ativa por parte da população após anos de sofrimento e opressão é coisa certa e fatal. A questão consiste em organizar e dirigir esta resistência de modo que as organizações subterrâneas dos povos da Europa representem as divisões de vanguarda do Exército de Libertação com o qual elas constituirão uma só unidade estratégica.

ESQUEMA



— Emprêgo estratégico do Movimento Francês de Resistência — (apenas como exemplo)

1 — Na parte setentrional da França a configuração da linha de contorno do país só permite mesmo a sabotagem às ocultas.

- 2 — Por outro lado a parte meridional montanhosa da França é favorável à ação das guerrilhas que poderá auxiliar o desembarque aliado na costa mediterrânea.
- 3 — A penetração dos Exércitos Aliados para o interior só é possível em duas direções :
 - a) o vale do Ródano
 - b) o desfiladeiro do Canal do Meio-Dia e o vale do Garona.

Estes dois cortes são ao mesmo tempo as duas principais vias de comunicação do inimigo com o sul da França.

Organizando as serras da França Meridional — como os Alpes, os Pirineus e o Maciço Central — em fortalezas (redutos) da Resistência Francesa onde o "maquis" (5) poderia ocultar um maior número de seus combatentes que se tornariam mais eficientes por meio de incursões contra a retaguarda inimiga no Vale do Ródano entre os redutos dos Alpes e do Maciço Central e no desfiladeiro do Canal do Meio-Dia entre o Maciço Central e os Pirineus seria possível coordenar os movimentos estratégicos da Resistência com os das forças aliadas de invasão.

(5) — Termo originalmente empregado pelos bandidos da Córsega para designar as regiões montanhosas onde podiam se abrigar para escapar à perseguição. Os patriotas franceses utilizam agora esse nome para indicar sua organização e suas zonas de operação notadamente nas montanhas.

Fábrica de Malas Central

Os mais hábeis oficiais e o mais moderno aparelhamento para reformas, concertos e execuções de todo e qualquer tipo de mala
FONE 42-0431

ACEITAM-SE ENCOMENDAS A FEITIO AS QUAIS SERÃO PAGAS COM 50 % DE SINAL

ANTONIO CARDOSO DA FONSECA
125 RUA LAVRADIO, 125 RIO DE JANEIRO

A COUSA ESSENCIAL

*Pensées d'm soldat. — Gen. von
Steeckt. — Paris 1932 — 5^a edição.
Tradução do Cel. R. B. NUNES, da
Reserva de 1^a classe.*

A causa essencial é a ação. Tem ela três momentos: a decisão, nascida do raciocínio, a preparação da execução ou o comando, e a execução propriamente. Nos três estádios da ação, é a vontade que dirige. A vontade emana do caráter; o caráter é mais importante para o homem de ação, que a inteligência. A inteligência sem a vontade, não tem valor; a vontade sem inteligência, é perigosa.

Tentaremos, no que se segue, descrever o desenvolvimento da ação no curso de seus três estádios sucessivos; do general-chefe, escolhido como exemplo do homem de ação, será fácil passar a comparações nos outros domínios.

O homem de ação, que chamamos aqui de general-chefe, deve, para poder executar a tarefa que lhe incumbe, estar preparado e possuir conhecimentos. Será bom, senão necessário, que ele se prepare, durante seus estudos profissionais, para a grande função de sua vida, — a ação. É preciso não exagerar o valor do saber adquirido pelo estudo. Colocado diante de uma decisão que deve tomar, aquêle que age não deve folhear, em seu espírito, a enciclopédia de seus conhecimentos especiais, procurando lembrar-se de como os grandes generais, de Alexandre a Zieten, procediam num caso semelhante. O saber, por exemplo, que se adquire estudando a história da guerra, não tem vida e valor prático, senão quando for assimilado, quando se souber tirar da multiplicidade dos pormenores particulares, aquilo que é permanente, importante, e que se deve encorporar ao próprio tesouro intelectual. Nem todos são ca-

pazes de proceder assim. Um general unanimemente apreciado e respeitado, que já não vive, um verdadeiro poço de ciência, tinha por costume, quando convidado para dar seu parecer a respeito de uma situação militar, começar sua exposição por estas palavras: "Numa situação semelhante, Frederico o Grande dizia, etc... ", e então seguia-se uma citação sempre adequada. Mas, a melhor citação, a recordação sempre presente do caso análogo, não auxilia, absolutamente quem deve agir, a vencer as dificuldades da decisão que lhe cumpre tomar.

Entre os conhecimentos positivos, aos quais, notadamente outrora, se atribuía grande importância no mundo militar, encontrava-se a geografia militar. Os oficiais mais velhos do estado-maior prussiano, tinham outrora o título de Chefe de um teatro de guerra. Muitos se recordam, ainda com terror, dos conhecimentos que acumulavam com zelo inexcedível, a respeito dos teatros de guerra eventuais. Em agosto de 1914, enquanto éramos lentamente transportados para a fronteira, o general que nos comandava nos reuniu, a nós, oficiais de estado-maior, na primeira manhã, em seu carro-salão, a fim de preparar-nos mediante a leitura descriptiva da geografia militar da Bélgica, para desempenhar as tarefas que nos aguardavam. Dentro em pouco, eu, meu chefe de estado-maior e primeiro e fiel colaborador, o maior Weizell, adormecíamos profundamente, o que era desculpável, depois dos dias fatigantes e das noites em claro, que a mobilização nos fizera passar. Pois bem! encontramos, todavia nosso caminho, até às portas de Paris. Mais tarde, não me achava especialmente mais bem preparado para a Sérvia e a Palestina. Não quero dizer com isto, que os conhecimentos geográficos em geral, sejam inúteis; toda cultura geral aumenta o valor intelectual do homem, e, por consequência, do homem que é chamado para agir.

A educação prática é ainda menos discutível que a teoria, para um futuro chefe. Quem quer que queira tornar-se chefe, deverá passar pela escola dos aprendizes e dos camaradas, e somente os detes geniais poderão dispensar a passagem pelo currículo completo. O artista, e todo homem de ação é um artista, já deve conhecer, antes de entregar-se ao trabalho, a

matéria com a qual trabalhará. Há um certo parentesco entre o caderno de esboços de Leonardo da Vinci e os planos de manobra do rei Frederico. O gênio no trabalho! A matéria mais difícil, a mais rebelde e menos dócil, a mais fiel e mais traíçoeira, é o homem. E' com ele, antes de tudo, que o chefe de exército trabalha, como todo o dirigente. Há pouco tempo, uma literatura novel de guerra descobriu "os conhecimentos psicológicos do chefe militar". As verdades de La Palisse reflorescem sempre, periódicamente. Como se a verdadeira arte de governar, ou de comandar um exército, fosse concebível sem psicologia! Ela é a parte mais difícil da arte de governar, o mais importante, e talvez o mais raro dos dons necessários a um chefe militar; do juízo que a psicologia do chefe formular sobre a massa e sobre os indivíduos, decorrerão os êxitos, e também os maiores erros e decepções. As qualidades psicológicas do chefe, não deverão ser julgadas, únicamente do ponto de vista daquêle que se julga maltratado. Julga-se de uma diretriz pela ação que exerce sobre as massas, mas a massa não tem, absolutamente, o direito de julgá-la.

O chefe, preparado dessa maneira, acha-se, agora, diante da tarefa a executar. Os dons mais pessoais que utiliza no cumprimento de sua missão, escapam a todas as regras e a todas as descrições, embora sejam elas que importem, acima de tudo, na ação. O gênio, é o caráter.

Segundo a tarefa que lhe fôr imposta, o chefe deverá fixar um fim, a si mesmo, — e que homem de ação foi jamais completamente livre? — ou que as circunstâncias, ou uma autoridade superior, lhe hajam prescrito. Colocará sempre seu fim além daquilo que, em seu foro íntimo, lhe pareça atingível; deixará uma certa margem à probabilidade, mas necessitará de sensata moderação e muita arte, para não ultrapassar essa margem razoável. E' aí que se encontra a fronteira imperceptível que separa o chefe audacioso do aventureiro. Suas decisões serão naturalmente influenciadas pelo que conhece relativamente aos meios e aos recursos de toda a espécie de que dispõe, e da resistência que espera encontrar; seu juízo

definitivo quanto à possibilidade de atingir o fim que tem em mira, dependerá dessas considerações. Dessas múltiplas reflexões — e quem o negará? — das disposições morais em que se encontre, nascerá uma imagem cada vez mais precisa, do que convém fazer. Surgirão dúvidas, porém; continuam obscuros tantos pontos!... A responsabilidade parece abrangadora ao espírito que luta. Mas a razão pronuncia a palavra decisiva, sua resolução está firmada, e elle se dirige aos que o esperam para executar sua vontade.

Mas, nem sempre a ação se concebe com tanta felicidade, nem nasce tão facilmente. As assembléias, às deliberações, as comissões, os conselhos de guerra e outros — e quanto mais numerosos, mais perigosos — são inimigos das resoluções enérgicas e rápidas. Na maior parte das vêzes, são compostas de pessoas que têm escrúulos, e que pouco participam das responsabilidades; e quem tem pressa de agir, suporta a custo as horas de deliberações que se prolongam. Lembro-me de ter tomado parte numa dessas reuniões, na qual um dos assistentes falava a respeito de tôdas as questões propostas, e dizia sempre as mesmas cousas. Ouvir, calar-se e aprovar, são dotes raros; muito mais raros do que o dom de falar, que produz os mais funestos efeitos quando o que o possui é incapaz de se deter, como na história do homem que aprendia a andar de bicicleta.

O material de que necessita quem é chamado a agir, a fim de executar sua decisão, lhe será fornecido, por seus auxiliares. Para os pormenores, ouvirá a opinião de homens competentes e experientes, e será talvez assistido, até ao limiar da decisão suprema, por um íntimo. A marca do verdadeiro chefe, é saber ouvir, apreciar, e até seguir os conselhos, sem abdicar de sua liberdade e de sua responsabilidade.

Neste instante, é chegado o momento de comandar, para que a decisão adotada se execute. E' neste estádio da ação que a vontade do chefe deverá exprimir-se com a maior energia, porque, ao passo que até então, tinha sómente que vencer obstáculos interiores, pois que sua resolução era qualquer cosa

de privado, uma parte de si mesmo, a partir do momento em que toma corpo, terá que chocar-se contra obstáculos exteriores, da parte daqueles que devem encarregar-se de executá-la.

E' preciso que a vontade, que emana da decisão, se afirme da maneira mais forte e precisa. Não é em vão que reclamamos uma linguagem especial para comandar. Esta linguagem deve exprimir, com tamanha clareza, a vontade daquele que comanda, que nenhuma dúvida possa subsistir no espírito dos fracos, e que os recalcitrantes sejam obrigados a submeter-se. Quem comanda, deve levar em conta as duas espécies de executantes de sua vontade, e tentar, pela força e clareza de sua palavra, afastar ou atenuar os obstáculos que possam surgir, e que surgião sempre, de uns e de outros. Se deixar que outros comandem em seu lugar, deverá estar certo de que estes falem a mesma língua que êle, porque, se certas fórmulas de comando geralmente empregadas, facilitam o trabalho e a compreensão, é necessário, entretanto, que não faltem às ordens dadas, as características da linguagem falada sómente pelo chefe. Quanto mais alta fôr a posição de quem comanda, mais longo será o caminho entre êle e a última função executiva, e maior o perigo de que a decisão perca sua força, que a vontade não se transmite a tôdas as fibras do corpo. Por isso, é dever do chefe dar a sua própria vontade uma impulsão tão forte, que se sinta seu pulso bater nos últimos vasos do organismo.

A vontade de Frederico e de Napoleão, vivia até no último de seus granadeiros.

O chefe não pode dispensar auxiliares para executar suas decisões. A escolha é difícil e depende do acaso; freqüentemente, só se reconhece o valor ou a incapacidade dêles, muito tarde; as decepções causadas por seus colaboradores, são o pão quotidiano do chefe; e uma de suas tarefas importantes é reconhecer, em tempo, suas fôrças e suas fraquezas, a fim de dosar, em consequência, a confiança que nêles pode depositar. O círculo do chefe, seu estado-maior, deve estar de tal maneira compenetrado, se não de seu espírito, pelo menos de sua von-

tade, que a execute estrictamente, por convicção, por obediência, ou por temor. Outro tanto se exigirá dos chefes subordinados que, em sua esfera de ação, recebem ordens do general-chefe. Este não lhes dará mais do que as ordens que julgar necessárias para que sua vontade seja cumprida, mas lhes deixará a liberdade de execução, que é o único meio de garantir uma colaboração ativa e cuidadosa, dentro do espírito do plano geral. O chefe não se sairá bem sem um pouco de optimismo.

Nenhum homem de ação, neahum chefe terá feito o suficiente, quando tiver tomado uma decisão e ordenado a execução. Depende dêle, até ao último instante, que esta decisão seja executada de acordo com suas intenções, que sua vontade seja satisfeita. Esper como deverá proceder para êste fim, levando-nos a minúcias de que não nos podemos ocupar aqui.

Na véspera de uma batalha, querendo assegurar-me de que nossas ordens haviam chegado por toda a parte, recebi de um valente bávaro esta lacônica resposta: "Eu ataco". Havia-nos compreendido; era o essencial.



Shell coopera no Progresso do Brasil

Na guerra ou na paz a SHELL tem desempenhado papel saliente no progresso desta grande Nação, procurando sempre cooperar com o governo e as indústrias em todos os problemas relacionados com os fornecimentos de produtos petrolíferos

ANGLO-MEXICAN PETROLEUM CO LTD
PRAÇA 15 DE NOVEMBRO N°10 • RIO

Em Inglês «Os Sertões» de Euclides da Cunha

Obtem sensacional êxito nos Estados Unidos "The Rebellion in The Backlands", a obra prima da literatura brasileira — Fala à imprensa, a propósito de sua tradução, o sr. José de Souza.

Obteve êxito inédito, nos Estados Unidos, conforme foi noticiado, a versão inglesa de "Os Sertões", de Euclides da Cunha, sob o título "The Rebellion in The Backlands". Obra culminante da literatura nacional, vasada num estilo cuja punjância teria o seu símile, porventura na própria exuberância das nossas fôrças naturais; "Os Sertões" constitue sobretudo uma dramática afirmação das energias da gente brasileira, "daqueles rudes patrícios indomáveis" em luta constante contra tôdas as adversidades mesológicas, em áreas exscidas do nordeste.

Por isto mesmo, por ser uma epopéia do valor e resistência de uma parcela do nosso povo, simples gente sertaneja relegada naquela época a inteiro esquecimento, o grande livro de Euclides constitui, para o leitor estrangeiro, magnífica revelação do quanto é capaz o nosso homem, mesmo sob circunstâncias totalmente contrárias.

E' precisamente o que recorda, em entrevista que acaba de conceder-nos, o beletrista patrício, sr. José de Souza Teixeira, conterrâneo de Euclides da Cunha, que atuou com vivo empenho, como veremos, no sentido de obter-se uma tradução, e tradução perfeita, de "Os Sertões" para o inglês, destinada à massa do público leitor norte-americano.

O apoio conseguido

Falando sobre a sua intensa atividade nesse sentido, bem como sobre a edição inglesa e sua excepcional repercussão nos Estados Unidos, o sr. Souza Teixeira diz-nos inicialmente :

"O ilustre dr. Léo S. Rowe, diretor geral da União Pan-Americana e grande amigo do Brasil, quando se realizou nessa Capital a 3.^a Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores, prometeu-me prestar sua valiosa colaboração junto ao sr. Nelson Rockefeller, no sentido de ser efetuada nos EE. UU. uma versão inglesa da obra de nosso eminente compatriota e meu conterrâneo Euclides da Cunha.

Com efeito, poucos meses após a Universiy of Chicago Press sob os auspícios do Escritório do Coordenador dos Assuntos Inter-Americanos, em Washington, dava início ao trabalho de tradução na íntegra, confiando-o a Samuel Putman, que realizou uma notável versão. A crítica especializada dos mais importantes órgãos da imprensa americana recebeu com invulgar entusiasmo a obra do nosso ilustre patrício. Vince Starrett, no "Chicago Tribune", declara tratar-se de "um dos maiores livros do Mundo"; o "Chicago Sun", classificou o livro como "um dos primeiros e mais genuinos produtos da mentalidade americana; um trabalho sobre a América escrito por um Americano". "Não há exagero" — diz um periódico — "em dizer-se que Euclides da Cunha foi um dos primeiros americanos a divisar o grande panorama americano e vê-lo objetivo e realisticamente". O "Saturday Review de Literature" escreveu que "Os Sertões" proporcionou ao seu autor "a honra de ser comparado aos maiores escritores universais desde o profeta Ezequiel até Carlyle". "Nos seus aspectos simbólicos — escreve Starrett — o livro é quase um esquema de todo o mistério humano". Escrevendo no "The Commonwealth", Henry Lorrin Risso diz: "Os Sertões" "deve ser considerado o livro clássico de toda a América Latina". Merry Raymond Cates do "Inter-American" declara que a obra "transcede do interesse nacional para ser uma obra de todos os tempos e de todos os povos".

A apresentação nos EE. UU.

A notícia da apresentação da obra nos EE. UU. — prossegue o sr. Souza Teixeira — foi por mim recebida em junho do ano próximo passado. Quero deixar consignado o meu próprio agradecimento e de meus patrícios ao eminentíssimo dr. Léo S. Rowe pela eficaz colaboração que nos prestou na divulgação de uma obra que honra a cultura nacional pela universalidade de seu espírito e pelo culto da personalidade humana, que é um de seus principais característicos.

Resultados da iniciativa

A uma pergunta sobre os objetivos que o levaram a solicitar a tradução da obra do escritor patrício, declara o nosso entrevistado :

— “O objetivo imediato foi o de proporcionar aos intelectuais e aos universitários norte-americanos, o conhecimento de uma grande obra que honra a cultura americana, possibilitando a êsses elementos de escola um conhecimento exato e seguro sobre o Brasil, dado que “Os Sertões” retrata o homem e a terra do nosso País com absoluta fidelidade. Outro objetivo, êsse, porém, mais longínquo, foi o de destruir perante os povos de fala inglesa, e a outros continentes, o labêu que cavigiosamente nos jogou James Bryce, em sua passagem a “Veld’oiseau” por êste imenso país em 1910. Com efeito Bryce em seu conhecido livro “Les Républiques Sud-Américaines”, editado em francês e inglês, que tive o desprazer de ler em Paris em 1926 ou 1927, em uma das mais insolentes páginas que já mais foi escrita contra o Brasil e contra os brasileiros, por um homem de seu porte intelectual, perguntou insidiosamente “se éramos ou não dignos de possuir um País como o Brasil, se éramos ou não dignos de uma tal herança com que nos havia dotado a Natureza”.

“The Rebellion in the Backlands”, pelo gênio de Euclides da Cunha, demonstrará aos povos de língua inglesa e a

O SEGREDO DA PRECISÃO NOS BOMBARDEIOS

WULSTAN E. BURTON

Ainda não se pode revelar o que as fôrças aéreas aliadas devem aos cientistas britânicos, mas os poucos detalhes que se conhecem, indicam o grande valor da sua contribuição para a navegação e precisão dos ataques aéreos.

O Ministério do Ar acaba de liberar detalhes sobre a "bússola de leitura à distância", inventada no Estabelecimento da RAF, em Farnborough, por L. Bygrave, já falecido, e aperfeiçoado por um grupo de seus colegas, no qual estavam incluídos C. J. Stewart e o vice-marechal do Ar, R. O. Jones, e produzida pela "Automatic Telephone Co.", de Liverpool e à companhia "Feranti de Manchester". A bússola em apreço fornece uma leitura precisa mesmo quando o avião inicia uma ação evasiva ou vôa a grande altura, casos em que a bússola magnética comum — que exige uma rota em linha reta e ao mesmo nível — não pode ser utilizada.

A bússola de leitura à distância serve ainda para operar automaticamente outros instrumentos, como o aparelho de mira Mark XIV e o piloto automático, e não é afetada pela vibração do fogo de canhão nem pelas violentas vibrações resultantes das grandes velocidades.

O aparelho de mira Mark XIV, de invenção britânica e em uso desde o mês de maio de 1942, contribuiu para diminuir consideravelmente o risco dos aviões de bombardeio. Os primitivos aparelhos de mira necessitavam de uma rota em linha reta e ao mesmo nível nas operações de bombardeio. O Mark XIV, por seu turno, está provido de um "computador" que faz os cálculos necessários sobre a velocidade e direção

do vento, sobre a velocidade relativa e a altura do aparelho, daí resultando que, mesmo quando o avião realiza uma ação evasiva sobre um setor poderosamente defendido, a precisão do ataque nada sofre. Esse aparelho de mira foi usado, não só nas grandes batalhas aéreas do Ruhr, Hamburgo e Berlim, como também nos ataques de precisão contra alvos franceses, nos quais era essencial não sacrificar vidas civis. Está sendo agora utilizado pelos bombardeiros norte-americanos sob o nome de "T 1".

Outra maravilha técnica é o aparelho de mira, giroscópico, para caças, produzido num estabelecimento experimental do Ministério da Produção Aeronáutica por um grupo de cientistas chefiados pelo professor Sir Melville Jones. Este aparelho inclui um sistema giroscópico de computação. O piloto tem apenas de fazer simples ajustamentos relativos ao tipo do avião atacado, e à distância a que se encontra. Com o aparelho de mira giroscópico o piloto pode acertar no alvo, mesmo em velocidade e distância máximas.

No entanto, talvez a mais sensacional dessas invenções, cujos detalhes ainda são mantidos em sigilo, seja o "olho mágico", inventado por Sir Robert Watson Watt, que é também o inventor do aparelho de radiolocalização "Radar". O "olho mágico" permite o lançamento preciso das bombas na escuridão ou através das nuvens, isto é, em condições em que o bombardeio visual é impossível e a interceptação dos caças inimigos é difícil. O "olho mágico" aplica para o ataque os princípios da radiolocalização, originalmente aplicados à defesa. Impulsos elétricos lançados pelo avião voltam de terra e são recolhidos num painel de vidro, onde formam a silhueta dos objetos terrestres. Assim, as bombas podem ser despejadas com precisão, diretamente sobre objetivos invisíveis. Todos esses inventos foram postos à disposição das forças aéreas norte-americanas. As "Fortalezas Voadoras" e "Liberators" da 15.^a Fôrça Aérea norte-americana usam o "olho mágico" desde agosto de 1944. Calcula-se que centenas de vidas de pilotos britânicos e norte-americanos foram poupadadas por este

aparelho, o qual possibilita o ataque quando a oposição do inimigo é menos efetiva.

Durante toda a guerra, os cérebros científicos mais capazes da Inglaterra, trabalharam no descobrimento de aparelhos que garantissem a precisão da navegação e dos ataques, mas o objetivo nunca consistiu em fazer ataques aéreos automáticos. Os alemães, porém, incapazes de igualar a habilidade de vôo do pessoal da RAF, abandonaram o uso do elemento humano e recorreram às bombas voadoras e aos foguetes, sacrificando a precisão. Todavia, os pilotos britânicos devem ser ainda de grande capacidade mas essa capacidade tende cada vez mais a se reduzir a um uso inteligente e rápido de instrumentos muito complicados. No após-guerra, esses inventos, hão de proporcionar grandes benefícios à aviação civil de todo o mundo.

Espadas que protegem
- precisam também
de Proteção!

Brasso
dá brilho
aos metais!



O QUE A ENGENHARIA VEM REALIZANDO NESTA GUERRA

*(Informações fornecidas pelo Corpo de Engenheiros
do Exército Norte-Americano)*

Cel. PAULO MAC CORD

CROQUIS DA PRAIA DE ST. LAURENT-SUR-MER

Todo soldado americano, antes de desembarcar nas praias da Normandia, tomara conhecimento de minucioso croquis da zona de assalto que lhe estava destinada. Durante dois anos a Engenharia estivera reunindo dados referentes as praias de invasão, acompanhando o sistema de fortificações nazistas, e preparando cartas pormenorizadas para emprego no dia D.

Antes de as tropas dos Estados Unidos se lançarem através do Canal, a 6 de junho, os Engenheiros tinham fornecido às Unidades cartas simplificadas, destinadas a serem tão facilmente interpretadas por generais como por soldados. Dados geológicos, plantas e perfis diversos e um croquis minucioso das praias constituiam o trabalho elaborado.

A figura mostra a praia de invasão próxima a St. Laurent-sur-Mer, tal como consta de uma dessas cartas.

ENGENHEIROS QUE COMBATEM

Vindo às praias para, inicialmente, construir estradas, um batalhão de engenheiros do Exército Norte-Americano desempenhou-se dessa missão e realizou muitas coisas outras, inclusive a inopinada tarefa de destruir grande porção de japoneses em Bougainville.

debaixo de intenso fogo inimigo de armas portateis, metralhadoras, morteiros e artilharia.

Duas vezes durante a operação, tiveram os engenheiros de atacar e desalojar o inimigo de posições grandemente fortificadas, afim de abrir caminho para o avanço das unidades blindadas. "A coragem, a disposição de espírito e á eficiência do combate sustentado, da parte do pessoal do 235.^º Batalhão de Combate de Engenharia, constituiram fatores vitais para o êxito da missão da força atacante e refletem as mais gloriosas tradições do Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos".

NINHO DE METRALHADORAS DESTRUÍDO POR BULLDOZER

Preciosa confirmação de um dos feitos mais grandemente proclamados na guerra do Pacífico é a fotografia abaixo, tirada cerca de uma hora após a sua ocorrência.

Nela vemos o tenente Charles E. Turnbull, do Corpo de Engenharia Civil, Reserva Naval dos Estados Unidos, e o marinheiro de 1.^a classe Aurelio Tassone, ao lado da lâmina da Bulldozer La Plant-Choat, modelo R-8. A máquina fôra utilizada para desarraigá do sólo um ninho de metralhadoras dos japoneses, soterrando 12 amarelos e destruindo um canhão de 90 milímetros e duas metralhadoiras. O acontecimento se deu no outono passado, no desembarque na ilha do Tesouro, nas Salomão.

A posição japonesa tinha desafiado todas as tentativas feitas para silenciá-la com os meios existentes até que Tassone, o operador, recebeu ordem para verificar o que a sua máquina seria capaz de realizar, mediante uma investida. Erguendo a lâmina, e apoiado pelo tenente Turnbull armado de carabina, lançou-se êle contra o ninho de metralhadoras, que se projetava apenas 60 centímetros para cima do nível do sólo. Ao alcançar o objetivo, forçou a descida da lâmina, por intermédio



(Fig. da pág. 310 da THE MILITARY ENGINEER de Setembro de 1944)

do dispositivo hidráulico da bulldozer, e desmantelou violentamente a obra de defesa, cobrindo seus ocupantes de toros de madeira e toneladas de terra. Nenhum escapou.

LACTICINIOS BRASIL

FUNDADA EM 1900

MARQUES SAMPAIO & CIA.

PRODUTORES E INDUSTRIAIS

Usinas em Pequeri e Taboleiro do Pomba — Minas

FAZENDAS EM STA. HELENA

FONES :

Gerência 22-1006 — Escritório 42-2106 — Leiteria 22-0904

MATRIZ: Rua Visc. Maranguape, 20 e 24

Caixa Postal 1942 — Rio de Janeiro

UM POUCO DE LUZ SOBRE O PASSADO

Pelo Ten.-Cel. *Augusto Maggessi Pereira*

Na época presente, em que a moto-mecanização cada vez mais se afirma como elemento primordial de bom êxito nas operações de guerra, em que presenciamos, tomados do mais vivo entusiasmo, a epopéia dum Montgomery, ocorre-nos lançar vista sobre o passado e render justo preito ao genio organizador e perseverante do povo inglês, sempre exemplar e digno de imitação por todos quantos saibam compreender sua tenacidade na consecução dos objetivos, que é o fator essencial de sua grandeza insofismável.

Referimo-nos, nesta modesta homenagem, ao famoso ataque de Cambrai, por eles montado e executado, a 20 de Novembro de 1917 e que nos foi explicado, como pudemos compreender, pelo inolvidável prosector instrutor francês, Major Demiau, da forma seguinte :

ATAQUE DE CAMBRAI PELOS INGLESES

(20 de Novembro de 1917)

1.^a Parte

- 1 — *Objetivo da Operação.*
- 2 — *Defesa.*
- 3 — *Natureza da Operação.*
- 4 — *Disposições tomadas para o ataque — Tropas de ataque.*
- 5 — *Manobra prevista da Inf. com os 'Carros.*
- 6 — *Resultados obtidos.*

*2.^a Parte**Ensinamentos***PRIMEIRA PARTE***Noticia histórica****1 — OBJETIVO DA OPERAÇÃO :***

O Comando Inglês quer romper a frente alemã entre o canal do Norte (a oeste de Havrincourt) e Gonnelleu numa largura de 11 km, levar uma cobertura a este de Cambrai e, sob esta proteção, aproveitar lateralmente o sucesso obtido, ao Norte na direção de Arleuv, ao Sul na direção de Guise.

2 — A DEFESA :

O terreno no qual deve ser executada a operação comprehende uma profundidade de 9 a 10 km, quatro posições sucessivas contendo ao todo quinze linhas de trincheiras.

Numerosas metralhadoras inimigas estão instaladas entre as paralelas; assinalam-se baterias em casamatas, observatórios couraçados; abrigos em sapas profundas, rôdes consideráveis e independentes das trincheiras, separações de fogos bem estabelecidas, enfim, a organização é excelente, mas a ocupação é fraca.

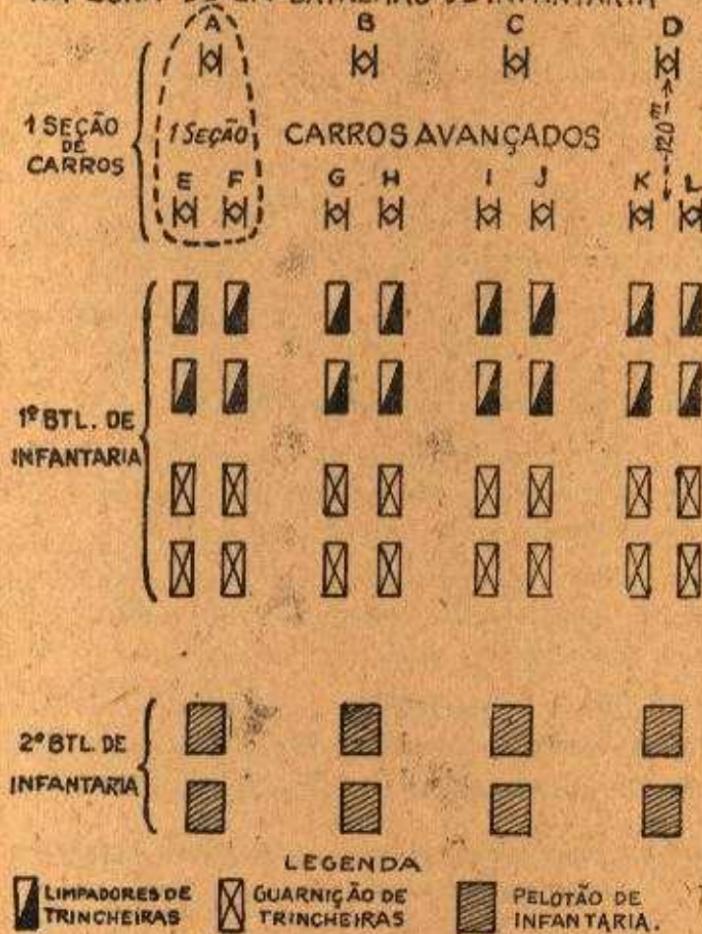
3 — NATUREZA DA OPERAÇÃO :

O ataque deve ser de surpresa, sem preparação de artilharia, e com emprego considerável dos "Tanks" (Esses Tanks, do tipo Mark IV, capazes de atravessar trincheiras de 3 m.).

Os carros não devem encontrar por assim dizer nenhum obstáculo intransponível antes do Escalda. (Uma só trincheira de mais de 3 m. de largura foi assinalada. Para facilitar sua travessia cada carro conduzia uma fachina de 1m,30 de diâmetro que ele podia deixar cair, no momento propício, na trincheira por uma manobra feita no interior do próprio carro).

ANEXO I
ATAQUE INGLEZ DE CAMBRAI (Novembro de 1917)

DISPOSITIVO DE UMA COMPAHIA DE CARROS
NA ZONA DE UM BATALHÃO DE INFANTARIA



4 — DISPOSIÇÕES TOMADAS PARA O ATAQUE :

Disposições especiais foram tomadas para guardar o *segredo da operação* e garantir a *surpresa*. O 1.º de Novembro o *telefone* foi suprimido numa profundidade de 3 km a par-

tir das primeiras trincheiras. A chegada dos reforços fez-se no ultimo momento; desde 16 de Novembro, durante *quatro noites*, tropas e baterias atingiram a região de ataque enquanto os carros ocupavam suas posições dissimuladas no bosque de Ha-vrincourt e nas vilas, a 1 km. da base de partida.

As tropas de ataque eram repartidas em *tropas de rutura* e *tropas de aproveitamento* (ou exploração).

a) — *Tropas de rutura* :

Dois Corpos de Exército ingleses (a 4 Divisões cada um) tendo frentes sensivelmente iguais com 450 carros.

Esses Corpos de Exército deviam ser imediatamente seguidos pela 5.^a Divisão de Cavalaria inglesa.

Essas tropas eram dispostas em *duas linhas* :

A 1.^a linha compreendendo 3 Divisões por Corpo de Exército com a maior parte dos carros (5 brigadas) era encarregada da conquista das primeiras posições.

A 2.^a linha compreendendo uma Divisão por Corpo de Exército com a maior parte dos carros (5 brigadas) era encarregada da conquista das primeiras posições.

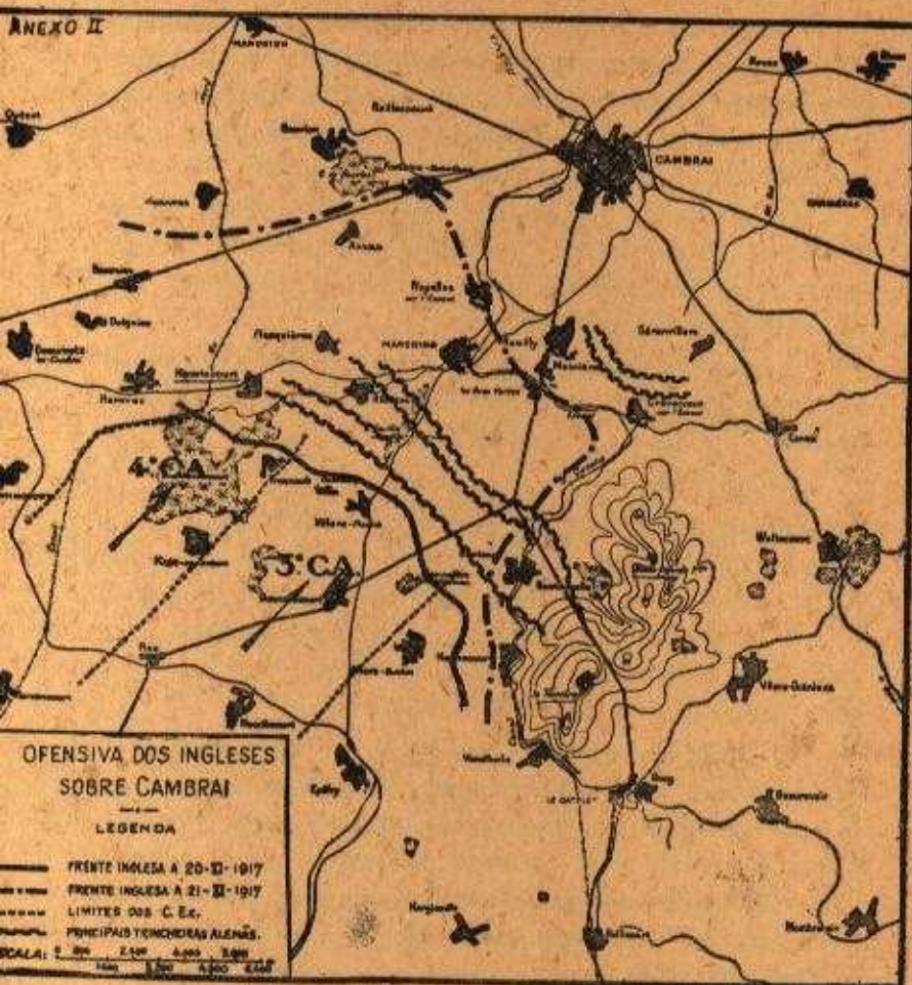
A 2.^a linha compreendendo uma Divisão por Corpo de Exército e a divisão de Cavalaria com o valôr de um batalhão de carros, era encarregada da tomada da 4.^a posição.

b) — *Tropas de Exploração (Aproveitamento)* :

Dois Grupamentos :

- um, destinado a agir para o Norte; 3 Divisões Inglesas;

- outro, para o Sul; duas Divisões I e duas Divisões de Cavalaria Francesas, e um Corpo de Exército Inglês (sob as ordens do General De-goutte).



5 — MANOBRA PREVISTA PARA A INFANTARIA E OS CARROS

As Divisões de primeira linha compreendiam *dois escalões* entre os quais os carros foram repartidos de modo mais ou menos igual.

Cada Divisão, cada escala tinha assim seus próprios carros.

Como as Divisões de segunda linha só dispunham de pequena quantidade de carros, estava previsto que os carros das Divisões de primeira linha ainda em bôas condições, continuariam o combate com as Divisões de segunda linha quando essas tomassem à sua conta o ataque.

Os carros de 1.^º escalão, repartidos à razão de uma Seção de 3 *aparelhos por companhia de infantaria*, deviam preceder os infantes para abrir-lhes o caminho nas *rêdes e destruir ou neutralizar as metralhadoras*.

A manobra dos carros e da infantaria fôra combinada com antecedência em todos os pormenores e era perfeitamente conhecida de todos os executantes.

A infantaria tinha aliás recebido uma *instrução especial* de combate com carros em vista desta operação.

A partida para o ataque devia efetuar-se ao amanhecer (6 h.) no conjunto da frente dos dois Corpos de Exército.

A progressão comum dos carros e da infantaria devia executar-se à retaguarda de uma *barragem rolante* comportando certa proporção de *granadas fumígenas*.

A artilharia inglesa (uma peça por 10 metros de frente) devia efetuar, além da barragem rolante e dos tiros de neutralização contra as baterias alemãs, *grandes enjaulamentos fumígenos*, a horário fixo, da zona de ataque para dissimula-la às vistas dos observatórios da artilharia inimiga, *em particular* no flanco direito dominado, pelas alturas de "la Terrière" e da "Ferme Bonne Enfance".

6 — RESULTADOS DO ATAQUE :

Graças á ação dos carros precedendo a infantaria, o ataque progride rapidamente. Em *quatro horas* atinge o Escalda, penetrando assim nas linhas alemãs numa profundidade de 6 a 7 km. com um conjunto de perdas atingindo ao menos 8% dos efetivos empregados.

Infelizmente retarda-se a chegada das Divisões de segunda linha e, quando elas chegam diante da 4.^a posição do Escal-

da, esbarram com unidades frescas que o inimigo fez intervir em tempo útil, precisamente quando, em razão do citado atraço, os fogos da artilharia inglesa já estavam em desacordo com ataques da infantaria e também os carros chegaram num terreno muito menos favorável à sua ação.

A progressão é detida.

Para quebrar as resistências, os Ingleses, em vez de reorganizarem a *ação de conjunto*, entregam-se na tarde de 20 e nas jornadas seguintes a *ação de minucia*, geralmente com carros, ações por vezes improvisadas, executadas sem apoio de artilharia e em frentes muito estreitas.

O resultado não se fez esperar: *fortes perdas em carros* causadas pela artilharia inimiga livre para concentrar sucessivamente seus fogos contra cada um desses *ataques parciais*, e *perdas igualmente sérias da infantaria* inglesa cujos carros não a protegem mais contra o fogo das metralhadoras e dos infantes inimigos.

Nenhum ganho de terreno.

— INCIDENTES A REGISTRAR :

No primeiro dia da ofensiva duas peças alemãs de 77 que estavam em posição em Flesquières forma rapidamente tiradas de suas casamatas no momento do ataque e postas em bateria na orla da mesma localidade.

Els puderam assim pôr fóra de combate em poucos momentos, 15 carros ingleses que operavam nesse sector.

A infantaria inglesa esbarrou por sua vez com defesas acessórias intactas e sofreu perdas muito sérias sem poder progredir.

Sómente na manhã de 21, Flesquières foi ocupada pelos ingleses.

Eis um exemplo impressionante do que pode produzir o canhão quando bem empregado na defesa aproximada.

* * *

— Segundo refére o General Von Eimannsberger em sua obra: "A guerra dos carros", a localidade de Flesquières, si-

tuada em contra-vertente e ocupada pela infantaria, constitua também no momento, um sitio de importante ninho de baterias.

Ao mesmo tempo que essas baterias atacavam a curta distância os carros que transpunham a crista, a infantaria que instalara metralhadoras nas casas, forçava com seus fogos, a atacante que seguia os carros, a se razar contra o sólo.

A energica atitude dos defensores de Flesquières, se custou caro aos ingleses atacantes, não deixou de ser também prejudicial aos alemães nos revézes que se seguiram. O Comando alemão sujeitou a sua infantaria a pesados sacrifícios, erroneamente persuadido de que uma infantaria decidida poderia resistir aos carros. Sabemos entretanto, que o unico processo eficaz contra estes engenhos, é a intima combinação das ações da infantaria dos E. C. C. e da artilharia.

SEGUNDA PARTE

Ensinamentos

As operações de 20 de Novembro e dos dias seguintes constituem exemplo frizante das *diferenças de rendimento que se podem esperar dos carros segundo o modo por que são empregados.*

Mas, o que devemos ressaltar em primeira mão, é que *uma era nova teve inicio em Cambrai; — a do Engenho blindado!* Aí, o carro permitiu a resolução do problema da rutura de uma frente, até então sómente conseguido pela artilharia.

“Né à l'époque où la cavalerie était définitivement condamné, le char remplace celle-ci dans l'exécution des missions que lui étaient confiés jusqu'ici et qui demeurent. Le moteur qui triomphe dans le domaine économique se verra donc attribuer, para la même loi d'évolution, une place prépondérant les champs de bataille. Il n'y a pas à s'insurger, à regretter les fastes d'antan; c'est la loi du progrès. Il faut vivre avec son temps” (General Von Einmannsberger — “Cap. X”).

No *ataque inicial* o emprego dos carros está quasi em todos os pontos conforme os principios ora regularmentares.

- 1.^º) — *Ação preparada minuciosamente, com base de partida do ataque, objetivos conhecidos de todos — o que permite a ação concordante das diferentes armas.*
- 2.^º) — *Emprego dos carros num terreno permitindo-lhes velocidade suficiente.*
- 3.^º) — *Partida simultânea dos carros em larga frente (11 km.) obrigando o inimigo a repartir seu fogo.*
- 4.^º) — *Densidade necessária e suficiente para estender rapidamente o fogo da infantaria (mais de um batalhão por divisão de 1.^a linha). Escalonamento em profundidade garantindo a continuidade de ação dos carros.*
- 5.^º) — *Ligaçāo perfeita com uma infantaria fresca e instruída para combater com os carros.*
- 6.^º) — *Proteção pela artilharia contra as baterias inimigas.*
- 7.^º) — *Profundidade suficiente da operação para levar a desorganização no sistema d e artilharia inimiga e impedir a destruição dos carros em panne.*

Emfim, os resultados traduzem verdadeiro sucesso devido quasi exclusivamente aos carros.

Pelo contrario, no dia 20 à tarde e nos dias seguintes, o emprego erroneo dos carros em *ações locais improvizadas, que a artilharia ignora, ações executadas em horas diferentes com efeitos reduzidos, em frentes restritas*, custou muito caro aos ingleses e não deu resultado algum.

Contra tais ataques o inimigo poude concentrar sucessivamente seus esforços, como aliás era de esperar.

Vê-se pois, de um lado a 20 pela manhã: — *um ataque de conjunto regularmente montado com emprego dos carros conforme as regras.*

Resultado : — SUCESSO.

De outro lado a 20 á tarde e nos dias seguintes : *ações de minucia com emprego dos carros contrarios ás regras.*

Resultado: — INSUCESSO.

Enfim o incidente isolado de Flesquières dá uma idéia do que pode ser a potência de uma defesa anti-carros numerosa e livre para atuar.

Ela é capaz de aniquilar completamente a ação dos carros.

Em 1917 os alemães ainda sob a impressão dos resultados de 16 de Abril, estavam convencidos que sua artilharia usual era suficiente para deter os carros em todas as situações.

Também sua defesa anti-carros aproximada, pelo canhão, foi nula ou quasi nula até meados de 1918 (1).

E' de resto, o que explica porque os ingleses, embóra tendo preparado com minudencia o ataque de 20 de Novembro, não tinham tomado precauções contra esses engenhos até então não revelados.

Nos ultimos meses da campanha, os alemães multiplicaram as peças especialmente destinadas a atirar nos carros à vista direta e a curta distância (aquele de 1.500 m.). A partir d'aí os carros tiveram muito que sofrer face a tais engenhos e o rendimento dos ataques diminuiu.

E' pois necessário, para montar uma operação, prevêr o emprego de todos os meios capazes de concorrer para a neutralização da defesa anti-carros.

Eis porque, já em 1922, o regulamento francez enumera com precisão as ações que cabem às diferentes armas tendo em vista essa proteção.

Essas ações compreendem em princípio :

— Tiros executados à priori contra os engenhos cujas posições são conhecidas, e em certas cobertas suscetíveis de os abrigar.

— Tiros executados com projéctis fumígenos para dissimular os carros às vistas dos apontadores e dos observatórios inimigos.

— Tiros à posteriori nos engenhos revelados durante o combate.

(1) — As peças que foram utilizadas contra os carros em Flesquières não eram destinadas, em princípio, a esse emprego.

«A Informação na Guerra»

*Estudo feito pelo Major Paulo Enéas F.
da Silva, Instr. da E. E. M.*

I — Valor da informação.

1) — A informação como *elemento de decisão* do Comando.

Dentre os fatores de decisão — MISSÃO, TERRENO, INIMIGO e MEIOS —, aquele que se apresenta sempre como uma incógnita a resolver é o *inimigo*. O seu conhecimento, mais ou menos preciso, vai permitir o Comando conceber e conduzir sua manobra com maior ou menor segurança. Sua liberdade de ação é função direta do que sabe acerca do adversário.

Saber quem é o inimigo, o que ele faz, representa um fator essencial de sucesso. É uma condição mesmo indispensável ao êxito em qualquer escalão de comando.

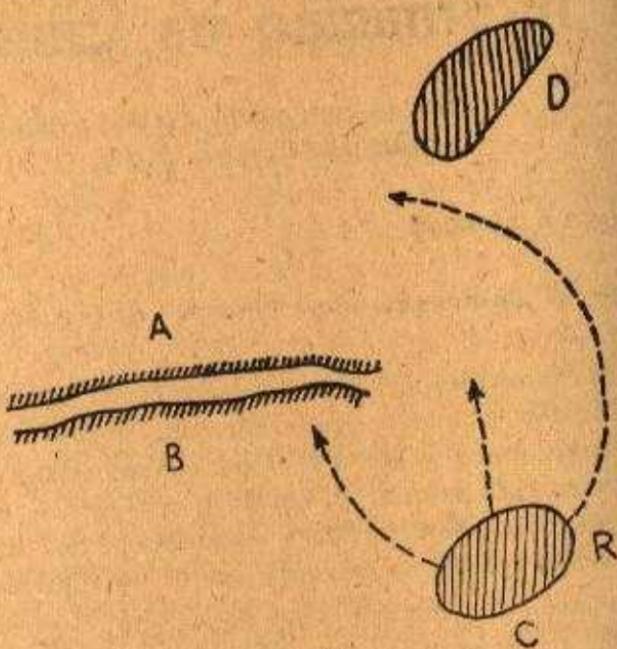
Montluc expressou numa máxima essa verdade: "se A sabe o que faz B, A sempre baterá B". Isto é indiscutível.

Acompanhemos o esquema numero 1: trava-se uma luta entre 2 partidos, que após largo período de operações, se confrontam numa situação estabilizada, na frente F. O partido B concentra na região R um novo grupamento de forças C.

A simples presença desse grupamento, nessa região, permite ao Comando A concluir suas possibilidades :

- a) — reforçar a frente principal;
- b) — prolongar a frente defensiva, alinhando-se à direita;
- c) — procurar uma ação de ala, sempre perigosa;
- d) — permanecer em expectativa onde se encontra.

ESQUEMA N° 1



Ao comando do partido A interessa saber :

- qual das hipóteses feitas se realiza,
- uma vez ela definida, como se desenvolve.

Será o conjunto de informações de que dispõe ou disporá, acrescido de outras que fará buscar, que lhe darão possibilidades de "rasgar o véu" que cobre a verdade sobre o adversário.

As informações, em suma, vão permitir ao Comando A decidir da manobra a contrapor á concebida pelo inimigo. Dela decorrerá o emprego das forças D.

- 2) — Alguns fatos históricos dirão melhor do valor que os Chefes de então atribuiam á informação :

a) — *No ano de 1914*, antes da batalha do Marne, as informações colhidas pela aviação, no dia 3 de Setembro, a

partir do meio dia, esclareceram a mudança de direção da ala direita alemã. O I Ex., de Von Kluck, cujas testas de colunas já haviam ultrapassado Creil e Senlis rumo a Paris, infletiram para SE, abandonando a marcha sobre a capital francesa.

No dia 4 desse mesmo mês, as novas informações confirmaram o fato. O Ex. alemão procurava o envolvimento da ala esquerda aliada. Marchava célebre para o sul, desprezando o Ex. de Paris, oferecendo-lhe o flanco e deixando as retaguardas expostas. Estas informações, fornecidas por patrulhas de Cavalaria, e de um prisioneiro (oficial de E. M. capturado no automóvel que conduzia, e depois morto), cotejadas com as anteriores permitiram clarear a verdade. Foram elas que induziram o Marechal Joffre a se bater sobre o Marne. Sem elas, a vitória, que ia decidir a guerra, não teria sido conseguida. *As informações definiram pois a decisão do Comando.*

b) *Em 1918, até as vésperas do ataque alemão no Chemin des Dames, em 27 de Maio, os aliados não dispunham de informações alguma, capaz de desvendar o que queria o adversário. Um único documento, tomado a um aviador capturado, não tinha sido possível cotejar. Não era possível acreditar em sua veracidade.*

A 26 do mesmo mês, alguns prisioneiros declararam que o ataque se daria a 27 ou 28. Não era mais possível evitar a surpresa estratégica, conseguida pelo Alto Comando alemão, graças ao rigoroso sigilo mantido nos preparativos.

Embora tardias, essas poucas informações permitiram limitar, pelo menos os resultados daquela surpresa, assegurando um certo avanço na chegada dos reforços estratégicos, permitindo ao Comando Francês tomar disposições táticas de retardamento.

c) — *Ainda em 1918, realizou-se a chamada ofensiva da Champagne. Desde algum tempo que essa frente estava equipada de modo a permitir uma operação de grande estilo. Num prazo muito curto, o inimigo poderia reajustar suas coutras sem quase mudar o aspecto geral da frente.*

Descobrir as intenções do adversário tornava-se pois particularmente difícil. Apesar disso, o menor detalhe deveria acionar a 2.^a Seção na pista da verdade, como aliás aconteceu.

Fez-se um prisioneiro que deu aquele detalhe. Num interrogatório a que foi submetido, ele falou de depósitos que se organizavam na região. O exame das fotografias *nada havia acusado até então*. Nenhum indicio acusára sobre esses trabalhos. Nem ao longo das estradas, nem nas zonas bastante cobertas (abundantes naquela região), podia se observar aquilo que o prisioneiro dizia. Pediu-se, então, a um especialista de fotos, que estudasse através da estereoscopia, certos trechos das tais zonas cobertas. As indicações feitas pelo prisioneiro foram confirmadas. Os depósitos existiam, sob a forma de pequenos montículos nas zonas cobertas. Isto passou-se quase dois meses antes do desencadeamento da ofensiva.

A presença anormal desses depósitos, que o inimigo tinha tanto interesse em esconder, fez nascer a convicção de que era iminente uma grande operação ofensiva. Restava determinar mais ou menos, ou exatamente, em que data seria ela realizada.

Um segundo lançô foi dado, nas pesquisas, graças às declarações de outro prisioneiro, sobre depósitos de material de pontes.

Finalmente, o terceiro lançô e um quarto, um esclarecendo sobre a data e a fórmula dessa ofensiva; o outro, confirmou a data, pois haviam distribuído os petrechos para o assalto..

Conclusão: no primeiro caso, a informação representou um elemento decisivo na vitória; no segundo, limitou as consequências desastrosas de uma surpresa; no terceiro, finalmente, a surpresa foi evitada muito embora o inimigo tivesse podido tomar suas disposições para o ataque em completo sigilo. De qualquer maneira, a liberdade de ação do Comando foi assegurada.

II — Necessidades do Comando em matéria de informação.

1) — As necessidades variam segundo o escalão considerado. Isto é evidente. Quanto mais elevado, mais longínquas e gerais. A medida que desce na hierarquia do Chefe, essas necessidades tornam-se mais exigentes, é maior o detalhe.

Assim, um Cmt. de Ex., por exemplo, precisa saber, de modo geral, quais os movimentos das G. U. inimigas, enquanto que o Cmt. de uma D. I. preocupa-se, principalmente, com a situação dos órgãos de fogo e das reservas desse adversário.

2) — No escalão G. Q. G., as informações tem um caráter mais documentário. Dizem respeito particularmente à organização dos Exércitos adversos, ao seu equipamento bélico, sua doutrina de guerra, métodos de combate, etc.. Constituem, por assim dizer, um plano de conjunto de informações, de caráter permanente, em tempo de paz. Prossegue também, em tempo de guerra, pois o inimigo é senhor de sua vontade, evolue, pode introduzir novos processos de guerra, novos meios.

Esse plano é organizado na 2.^a Seção do G. Q. G., segundo as diretrivas do Alto Comando.

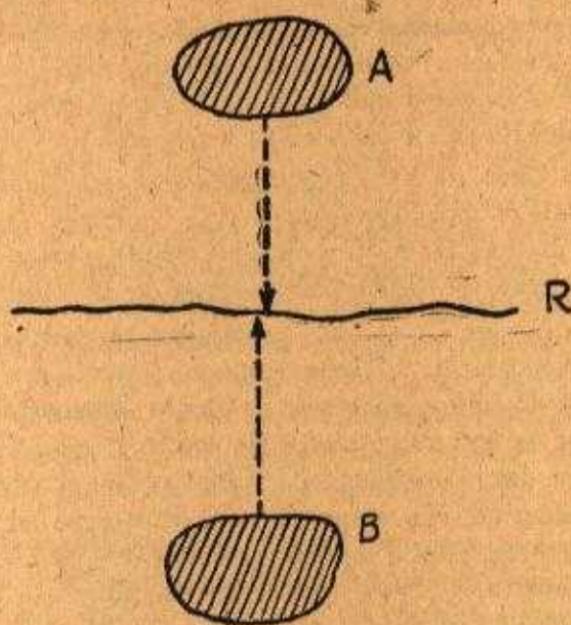
3) — Nos escalões estratégico e tático: neste caso, bem diferente do anterior, as necessidades de informações são presas ao tempo e ao espaço. Ficam adstritas às manobras concebidas. Os Chefes devem, pois, dirigí-las e controlá-las.

Umas informações dizem respeito à concepção da manobra, como no escalão G. Q. G.; outras, à conduta dela. Observemos o esquema n.^o 2 :

Trata-se de duas G. U., A e B, que dentro das missões recebidas têm certas possibilidades em relação a um grande corte do terreno R, cuja posse representa interesse para ambas.

O Cmt. da G.U.A. examinou as possibilidades de sua rival, em relação a R e definiu a mais provável. Em função desta monta sua manobra, isto é, assenta o que vai

ESQUEMA N° 2



fazer. Ora, isso não basta. A missão não se resume em atingir a linha R. Para isso é preciso saber :

- se a hipótese feita sobre as possibilidades do inimigo se realiza;
- em que condições de tempo.

Então, o conjunto de informações de que ele necessita, no primeiro caso, dizem respeito à concepção de sua manobra; em função elas manterá ou não a idéia inicial. As segundas, referem-se à conduta dessa manobra.

Quér no escalão estratégico, quer no tático, esse conjunto de informações é coordenado no Plano de Informações, documento do comando, consequência direta de sua manobra. A ela casa-se intimamente.

Conclusão : se no escalão G. Q. G. o plano de informações tem um caráter permanente; nestes dois últimos,

reveste-se de aspecto temporário. Vale para cada manobra montada e, por isso, restringe-se ao tempo e espaço em que ela se desenvolve.

III — O Plano de Informações.

1) — Seu estabelecimento.

O Plano de Informações é um documento organizado sob a direção do Chefe do E. M. de uma G. U., na 2.^a Seção.

A' cada manobra concebida pelo Comando corresponde um desses planos, que prescreve a orientação das buscas em função do fim a atingir. Fixa os pontos de mais interesse para o desenvolvimento da manobra e faz face ás eventualidades, aumentando assim as probabilidades de êxito.

2) — Suas bases.

a) — A decisão do Comando.

O Chefe do E. M. da G. U. precisa saber *o que quer o Comando*. O conhecimento tardio, muitas vezes, dessa intenção, pode tornar impossível a organização, em tempo útil, da busca de informações.

Como vimos mais atrás, as necessidades de informação se casam intimamente com a manobra. Cada um mesmo, implica num documento desses. Na intenção do Comando reside o elemento da decisão do Chefe.

b) — As hipóteses sobre o inimigo.

Realmente, a manobra é montada para se opor a certas possibilidades do adversário. O conjunto de informações, pois, tem em vista precisar qual, ou quais as hipóteses feitas se realizam. O conhecimento delas é indispensável ao Chefe para, em tempo, poder dirigir o desenvolvimento de sua manobra.

c) — Certos fatos capitais de maior interesse para o Comando.

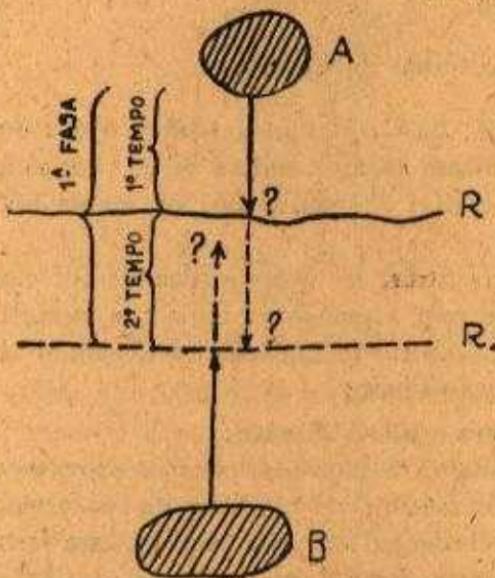
Dentre eles podemos citar alguns :

- as notícias sobre o aparecimento de G. U. totalmente motorizadas ou mecanizadas, cuja ação se desenvolve sempre dentro de prazos bastante imprevisíveis;
- a possibilidade de certas G. U. intervirem em determinados prazos, em certas linhas que dizem respeito de perto á manobra concebida;
- certas destruições feitas pelo inimigo, que poderá influir no decorrer das operações.

d) — Os prazos.

A questão dos prazos é importante. Está diretamente ligada ás fases da manobra. Basta olharmos o esquema n.^o 3 :

ESQUEMA N^o 3



- Os grossos A e B tem possibilidades idênticas com relação á linha R1. Certos elementos, porém, mais leeiros, de B, podem ultrapassar aquela linha e chegar a R com antecedência sobre os grossos.

Por uma questão de segurança da execução da fase, haverá ou não necessidade de parada intermediária, na linha R. São os lanços da fase.

Ora, as informações de que o Comando necessita com relação a esses elementos do inimigo, ao N. de RJ, tem mais urgência do que as referentes aos grossos de B, cujas possibilidades determinaram a fase propriamente dita. Os prazos são por isso diferentes.

Os prazos se prendem também às condições de ordem técnica de acionamento dos meios incumbidos da busca.

Conclusão: por todas essas razões, o Plano de Informações exige, para sua organização, uma colaboração estreita entre a 2.^a seção e as demais do E.M., além dos órgãos dos serviços. O Chefe do E. M. tem por obrigação estabelecer esta colaboração e o plano de informações só deve ser posto em execução depois de por ele, aprovado.

IV — *O Plano de Busca.*

1) — Sua base: o Plano de Informações; razão de ser.

Só se pode buscar aquilo que se quer. O trabalho é, pois, objetivo. Eis porque a todo Plano de Informações corresponde um de Busca. Mesmo porque, de nada valeria ao Comando um documento contendo suas necessidades se elas não fossem satisfeitas. Toda sua manobra estaria comprometida.

2) — Sua natureza.

E' uma documento interno de E. M. Constitue um verdadeiro plano de previsões do Chefe da 2.^a Seção. E não pode ser de outra forma. Para que tenha caráter de execução transforma-se: nas ordens de busca e nos pedidos de informação.

3) — Os documentos que dele emanam.

a) — As ordens de busca.

Toda ordem de busca visa um fim determinado, e o órgão dela incumbido deve zelar pela sua execução integral.

As ordens fixam condições de tempo em que as informações devem ser colhidas e, em algumas vezes, num certo ritmo, ou ordem de urgência. São redigidas pela 2.^a Seção e assinadas pelo Comando, ou pelo Chefe do E. M. se para isso estiver autorizado.

Se porventura a busca de informações implica na execução de uma operação particular (o golpe de mão por ex.), as ordens respectivas serão estabelecidas de comum acordo entre as 2.^a e 3.^a Seções.

b) — Os pedidos de informações .

São dirigidos ás autoridades superiores, ás unidades vizinhas. Sua aplicação deve ser corrente. Nada mais que uma necessidade da busca de informações cada vez mais distante-mesmo fóra da zona de ação da G. U. considerada.

A motorização nos Exércitos de hoje, oferece inumeros casos de surpresas advindas do desleixo dessa corrente lateral.

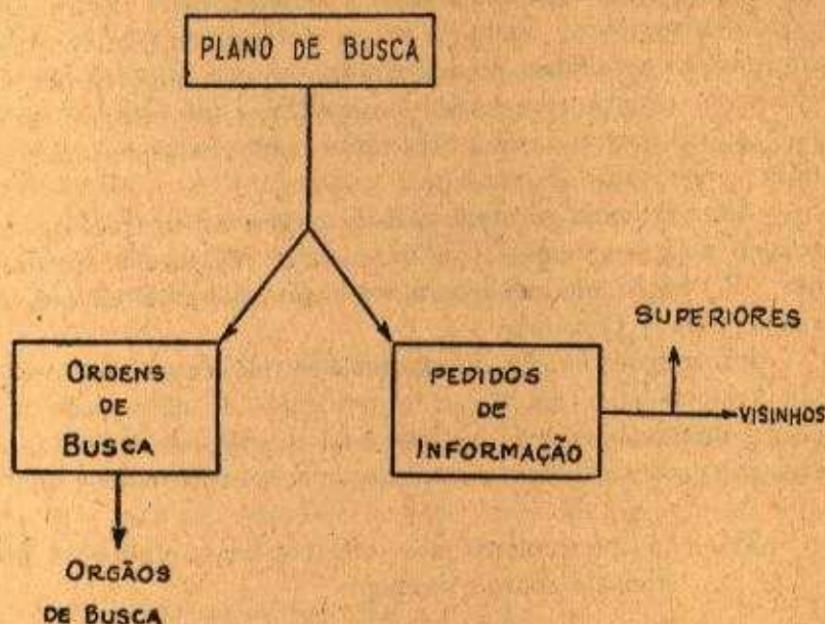
4) — O esquema n.^o 4, dá-nos um exemplo de tudo que falamos.

V.—O estudo das informações.

Enquanto que a busca exige uma descentralização quase absoluta, dado a variedade enorme dos meios dela encarregados, a análise impõe uma centralização. E cabe ao Chefe do E. M. da G.U. zelar pessoalmente para que todos os dados cheguem a tempo á 2.^a Seção.

A análise deve ser *rápida* e *completa*. Rápida, para que a oportunidade de sua exploração não se perca; completa, para que se tenha uma idéia tanto mais precisa quanto possível do inimigo.

ESQUEMÁ N° 4



Para que as coisas se passem dessa maneira, é necessário organizar o trabalho metódicamente, isto é :

- reunir as informações segundo suas fontes;
- submete-las á uma primeira triagem,
- colecioná-las.

O trabalho só poderá ser assim realizado se na 2.^a Seção se dividir a tarefa, sob a direção técnica do Chefe.

2) — O cotejo das informações.

Esta parte representa um valor inestimável no estudo das informações. E muitas vezes, seja antes ou durante a batalha, este trabalho assume importância capital. A impressão sobre o inimigo que se defronta é função da comparação das informações de que se dispõe.

O Comando tendo feito uma série de hipóteses sobre o adversário, elege uma delas como a mais provável. Sobre esta calça sua manobra. Trata-se, agora, de verificar, em face das informações recebidas, ou procuradas, se essa hipótese se positiva ou se outra desprezada surge. Umas informações dirão isso, outras contraditarão. Somente o cotejo delas poderá permitir a elucidação da verdade.

Além do mais, são tantas, às vezes, as informações que se recebe, umas de fontes fidedignas, outras de menor crédito, que a 2.^a Seção tem que separar o joio do trigo antes de fazer a síntese para o Comando.

Informações há que dispensam esse cotejo como por exemplo as fotografias aéreas, as provenientes de observação terrestre, direta ou de avião. Outras não, como por exemplo, as declarações dos prisioneiros, ou documentos apreendidos deles.

3) — A interpretação das informações; a síntese; a impressão sobre o inimigo.

Interpretar um conjunto de informações é tirar, de seu estudo, uma conclusão que realmente possa esclarecer ao Comando.

Cabe ao Chefe do E. M. fixar as condições de tempo — os prazos —, dentro dos quais à interpretação deve estar finda. Por que razão? evidentemente, não há na guerra duas situações semelhantes. Consequentemente, as necessidades de informação diferem de uma para outra. Numa, o Comando precisa saber, com rapidez, de que se trata. O tempo urge. Os prazos serão apertados. O trabalho na 2.^a Seção requer rapidez. Noutra, a decisão pode ser tomada com calma, a priori, sem temores. A 2.^a Seção pode então trabalhar mais de vagar.

Uma interpretação de informações recebidas subtende uma situação de partida, base de todo plano de busca. Para isso, a 2.^a Seção deve possuir um arquivo bem organizado, capaz de fornecer os elementos para as novas conclusões.

Da interpretação chegamos à síntese. Esta vai ao Comando, esclarecendo-o sobre o inimigo que o defronta ou vai

fazê-lo. Só por isso vemos o seu valor. Nessa síntese, o Chefe da Seção, anonimamente, empenha a sua responsabilidade. Não importa, é verdade, em se dizer que o Comando endosse completamente esse trabalho. Mas, quase sempre, é o que se dá. O Chefe da 2.^a Secção, orientado pelo Chefe do E. M., vive também o temperamento do General, e pode concluir assim dentro de seu espírito.

Dessa síntese surge, do Comando, a impressão sobre o inimigo, da inteira responsabilidade dele. Ela vai orientar os subordinados sobre os perigos a enfrentar.

VI — A difusão das informações.

Quem diz difundir informações, diz dar conhecimento a todos os interessados, das conclusões a que chegou o Comando sobre o inimigo. Mas isso de uma forma própria a cada escalão visado.

Ha uma triplice corrente :

- 1) — para os escalões superiores, uma corrente ascendente,
- 2) — para os vizinhos, lateral,
- 3) — para os subordinados, descendente.

A difusão das informações se faz :

- a) — imediatamente, escrita ou verbal, desde que sua exploração exija urgência;
- b) — diariamente, sob a forma de partes de informações, ao escalão superior, ou boletins, aos subordinados, ou ambos para os vizinhos.
- c) — periodicamente, sob duas formas :
 - de síntese, abrangendo a situação do inimigo, no seu conjunto ou em particular, suas possibilidades no momento ou no futuro; atividade de sua artilharia, etc.

— de cartas, croquis ou gráficos, concretizando a interpretação das informações sob essa forma mais concreta, palpável, que facilita a leitura e exploração. E' talvez a melhor delas.

A difusão das informações deve ser metodicamente organizada. Para isso o chefe do E. M. faz estabelecer pela 2.^a Seção e serviços particulares a lista dos destinatários, o número de exemplares e define quais os meios de transmissão a serem utilizados para se obter o máximo de rapidez.

Em resumo: de nada vale todo esse trabalho de 2.^a Seção, em reunir, cotejar, interpretar e sintetizar, se a conclusão chega tarde às mãos dos interessados.

VII — Os meios de busca.

Os meios de busca estão repartidos através :

- 1) — as tropas de todas as Armas, onde se encontra o Serviço de informações regimental, sob a direção dos Cmto. de Corpos e dele encarregado o oficial de informações regimental, sob a direção dos Cmto. de Corpos e dele encarregado o oficial de informações. Como executantes temos todas as unidades combatentes, os elementos de segurança. Como principais fontes podemos apontar: os prisioneiros, os documentos arrecadados, a observação direta à vista, os interrogatórios dos habitantes. A sua característica é a atualidade das informações colhidas.
- 2) — os órgãos de observação, terrestre ou aérea, cuja característica essencial é a continuidade para os terrestres e descontinuidade para os aéreos. Vemos logo que surge a necessidade de uns dobrarem os outros.
- 3) — os órgãos de escuta, elétrica e radiogonometria.
- 4) — das 2.^as seções dos E. M. das G. U..

- 5) — dos serviços especiais, dos Exércitos (contra espião, negócios políticos, etc.), da Artilharia (S. I. A., S. R. Som, etc.) e da Aeronáutica.

Não se pode dizer que tenham sido esgotados os meios de busca. O progresso da indústria e da imaginação humana, vai sucessivamente criando novos meios e pondo-os em uso, a serviço dos Exércitos.

A repartição desses meios pelos diferentes escalões depende de várias causas :

- das necessidades do Comando nesses escalões,
- da natureza das informações que esses meios podem fornecer,
- das condições técnicas de acionamento desses meios.

De acordo com esses dados são então distribuídos.

VIII — Documentação que serviu de base ao presente estudo :

- Etude sur le fonctionnement interne d'un 2.e bureau en campagne, do Ch. Paquet, Chef de bataillon breveté.
- Instruction provisoria sur la recherche e l'interpretation des renseignements, anexe 4.
- Regulamento para o serviço de E. M. em campanha, n.º 83.
- Essai sur le renseignements a la guerre, do Cel. Bernis.
- Etude sur la Cavalerie, de H. Salmon, Cap. breveté de E. M.
- Curso de Alto Comando do Gen. Chadebec de Lavalade, ano de 1939.
- Curso de Tática Geral e Estado Maior, de 1938 (ás 2.ªs e 3.ªs seções dos E. M.).
- L'officier ed renseignements regimentare em campagne, do Cmt. Mermet.
- Anexo n.º 1, ao Reg. de Cavalaria, 1935.

LIVROS NOVOS

No número de março último esta seção de apreciação bibliográfica completou o seu quinto ano, inaugurada que foi em abril de 1940. Não será, pois, fóra de propósito, a pretexto dessa conta cronológica, empreender um inventário do que tem sido a sua atividade.

Já nos inquiriram, certa vez, sobre os exatos objetivos dessa coluna. A' primeira vista não se dá pergunta mais ociosa, pois que no bojo da questão já se atropelam, nas proprias indagações possíveis, as respostas lógicas: A seção visa desenvolver o gosto pela leitura? Visa chamar a atenção para os livros de interesse militar? Visa discutir os assuntos técnicos por eles lançados? Visa pôr em circulação facil os problemas nacionais estreitamente ligados ao Exército? Visa estabelcer maior familiaridade com os estudos de cultura geral?

E' por demais evidente que todos esses objetivos são buscados e o conjunto deles é que forma, em ultima anailse, o grande objetivo da seção. Si foi alcançado, parcial ou totalmente, isso é outra história, e nos dispensamos de apurá-la agora.

O que sabemos é que a nossa palavra nesta coluna tem provocado reações desencontradas. Chegam-nos, por vezes, mensagens de simpatia e aplauso, mas ha tambem as que não veem...

Em todo caso, não se trata de agradar ou desagradar.

Quem quer que cultive certos hábitos intelectuais compreenderá que a crítica não pode limitar-se ao puro registro, ha de ser esclarecedora, deverá dar ao leitor indicações que o aparelhem para melhor aproveitar o livro que já leu ou vai ler, debaterá o que seja suscetível de debate. Independencia e sinceridade serão duas condições a juntar a esse critério.

O direito de afirmar do autor é tão direito quanto o de divergir de quem lê, ainda que seja um crítico, e acreditem que é muito mais fácil, sobretudo confortável, estar de acordo...

Aliás, todas as revistas militares do mundo têm a sua seção de critica bibliografica.

Muitas vezes armam-se verdadeiras polemicas em torno de questões controversas.

Para ir logo a um grande exemplo lembaremos o "Vers l'armée de métier", sem duvida o maior documento contemporaneo de critica militar. E aquele sim, delicadissimo, porque destruia doutrina firmada pelo Estado Maior Francês, envolvia assuntos de politica externa, questões económicas, questões sociais. Pois bem, De Gaulle era apenas Major, quando em 1934 publicou esse severo trabalho contra as idéias militares e a organização do exército do seu país.

Tambem ha os exemplos inversos, isto é, da critica, da discussão de cima para baixo.

Não ha muito tinhamos aqui entre nós o General Chadebec de Lavalade analizando, numa série de magistrais artigos estampados no "Jornal do Comercio", o livro "Na defensiva não se vence guerra", do oficial americano Ten.-Cel. W. F. Kernan.

Não haverá, portanto, nenhuma teratologia militar na apreciação bibliografica feita nesta coluna. "A Defesa Nacional", publicação com 33 anos de existência ilustre, e pois com inalienaveis responsabilidades na cultura profissional dos nossos oficiais, deve aos seus 3.500 leitores uma orientação idonea sobre tudo quanto surja nas nossas letras militares.

A distribuição do encargo, pelo que toca à hierarquia militar, tambem não importa. Acabamos de recordar dois grandes exemplos opostos — um major (De Gaulle) criticando toda a estrutura do exército a que pertencia e um General (Lavalade) discutindo publicamente com um tenente-coronel (Kernan).

No caso da apreciação bibliográfica de "Livros Novos", vamos encontrar ainda analogia sancionadora na norma consagrada no ensino militar, em cujas escolas os oficiais instrutores têm muitas vezes menores postos que os alunos.

Sempre recordamos o Gen. Mario Xavier que, coronel comandante de um regimento, designava os seus oficiais para fazerem conferencias sobre assuntos técnicos, e, na mesma reunião, terminada a conferência, determinava a um oficial presente, de qualquer posto, que a comentasse, fazendo, por fim, ele proprio a sua apreciação.

Um 2.^o tenente podia divergir, perante toda a oficialidade do Regimento, das idéias expedidas pelo conferencista do dia, tivesse ele o posto que tivesse. E nunca houve unidade mais disciplinada, mais enquadrada que o 4.^o R.C.D. em 1935!

Fica bem claro, destarte, que não existe a menor incompatibilidade hierárquico-disciplinar na discussão de assuntos técnicos entre oficiais de diferentes graduações. Nem atinamos em que pudesse ser ensurável um oficial tomar um trabalho de outro oficial, publicado espontaneamente, sem nenhum caráter funcional, e apontar à luz de regulamentos e de outros trabalhos mais autorizados, os erros nele contidos. O que se exige em tais casos é a exrita observância das prescrições regulamentares de respeito e disciplina.

Na forma, porém, de quem escreve, reside um ponto crítico. Nós militares, habituados em geral às formulas secas das partes, ao estilo magro dos nossos compendios, chocamo-nos facilmente em presença de certas variantes, sobretudo daquelas que encerram jovialidade e vivacidade, logo tomadas à conta de irreverencia. Mas, bem pensado, não ha assunto, nem situação, nem postura militar que imponham a alguém gravidade ou mau gosto.

Também será útil ferir aqui, já que empreitamos um inventário, outro ponto crítico, embora na realidade nem tão crítico, porque é extremamente fragil em si mesmo. Em todo caso, a verdade é que inda ha quem reclame certidão de idade para funções que nada têm de físicas... O proprio amadurecimento do espírito, propicio ao bom exercicio da crítica, é independente das contas do calendário. Pôde, e isso não é raro, existir num rapaz e faltar num ancião, pois que é feito da meditação, do estudo e das qualidades inárias de cada um.

Nem há nisso, absolutamente, novidade. Simylus, um poeta cômico de quatro séculos antes de Cristo, sentenciava com bom humor: "Dons naturais, boa vontade, esforço, método — eis o que faz sábios e bons poetas. O número de anos nada adianta, a não ser torná-los mais velhos."

+ + +

Não pretendemos, Deus nos livre, a irrevogabilidade das nossas apreciações bibliográficas. Seria uma atitude ingenua, se não fosse insensata. Sempre temos em mente a advertência do mestre Silvio Romero: "a crítica é um estudo e não uma arrogância". E de nossa parte julgamos que nesse ofício, como em tudo o que a gente faz na vida, deve colocar um pouco de humildade, para fugir ao grotesco que se acha tão próximo quando nos esquecemos das contingências humanas. Assim, fazemos das crônicas desta coluna menos uma sentença que uma opinião, embora timbrando na ampla explanação e justificação de tudo que dizemos. E quando os autores não se conformam inteiramente com as nossas observações, aqui mesmo podem replicar-nos, com já se tem dado.

Entre os militares podemos citar figura da expressão moral e intelectual do General Klinger, dono de nome tão conceituado como disciplinador e como cultura profissional, e que se não pejou de vir a público discutir as razões de uma crônica nossa. Alguns ajustam contas de boca, no primeiro encontro:

— Olhe, eu estava para lhe fazer uma carta, porque você não tem razão naquela crítica.

E por aí entramos. Foi assim, certa vez com o Major Mário Imbiriba, na Biblioteca Militar. Entretivemos com o ilustre autor do "Breviário da Instrução Moral e Cívica" longo, cordial e franco debate sobre certa restrição aqui formulada ao seu trabalho.

Quanto aos autores civis basta citar o caso Davi Carneiro. Opuzemos fortes embargos ao seu "O Paraná na Guerra do Paraguai", como volume da Biblioteca Militar. O autor,

cuja obra hoje conhecemos em toda a sua grande extensão e importância, pois visitamos o "Museu Cel. Davi Carneiro", em Curitiba, dirigiu-nos uma carta-deles que publicamos imediatamente no mesmo lugar em que o criticamos. Veio segunda carta de Davi Carneiro, mas esta guardamo-la porque, conquanto nos contentasse muito, não interessava propriamente ao leitor nem nos corria nenhuma obrigação moral de dá-la a coherer. Agora, porém, neste inventário, cabe a sua transcrição para mostrar como opinam sobre a nossa crítica mesmo aqueles que não foram aquinhoados com louvores absolutos. Dizia-nos Davi Carneiro em carta de 12 de novembro de 1940 :

"Fiquei satisfeito com a possibilidade de estreitar relações com o preso amigo em quem vejo um espírito sereno e justo. Pela própria crítica que fez, é possível sentir quanto aqueles que viveram aqui na província e vivem, (sobretudo nas pequenas cidades do interior) ainda hoje, poderão melhor aquilatar as cenas reproduzidas com a frieza dos documentos antigos, nos quais as referências eram feitas para gente da época e não para posteros distantes ou para elementos estranhos ao meio. Volto a pedir-lhe, já agora em tom de amigo, que leia e surgira o que ocorrer para o novo livro apresentado à "Biblioteca": "O Paraná na História Militar do Brasil". (1) Esperando vê-lo um dia aqui em Curitiba, onde estarei às suas ordens como um velho camarada, aqui fica o todo seu no serviço da Pátria e da Humanidade,

Davi Carneiro".

Dessa mesma época é outra grata mensagem que igualmente calamos. Assim nos falava o Ten-Cel. Altamirano Nunes Pereira a propósito da crônica em que apreciamos um dos seus eruditos estudos filológicos :

(1) — Esse trabalho, por motivos estranhos ao seu valor intrínseco, não foi aceito pela Biblioteca Militar. Veio à luz, todavia, recentemente, lançado por uma editora de Curitiba. Tivemos ocasião de comprá-lo nos originais e podemos informar sobre o seu extraordinário valor documental.

"E' com muita alegria que venho acusar recebida sua preciosa crônica, tão fina e cordial, com que me desvaneceu."

"Não me foi surpresa, lendo-a, sentir as impressões que você sentira. Já eu o adivinhara: Você iria, com a sua reconhecida inteligência, com seu estilo vivo e elegante, dar relevo ao pequenino mérito desse estudo indígena, que, se me não engano, tem só a expressão duma prioridade no campo universal da filosofia da linguagem, dado que é a nossa língua a primeira a que aplico minha concepção metodológica".

"As referências com que você me distingue, calaram bem fundo em minha sensibilidade, pois, com a pureza de sentimento que alcandora sua mocidade, vejo a primeira expressão de um juízo futuro. As suas expressões são como que uma clarinada do futuro, desse futuro que não será meu, mas que haverá de sentir nos meus estudos a realidade de uma consagração ao grande ideal de bem servir a Pátria, cooperando para que o homem do Brasil forme o senso para o discernimento com a segurança, a economia e a objetividade produtiva que faltaram à nossa fase do jovem, de moço, de homem".

"Ainda mais, sua crônica é um estímulo, por ser a expressão de suas virtudes e de seus predicados de eleição".

As transcrições avolumar-se-iam assustadoramente se fossemos trazer para cá todo o material do nosso arquivo referente a esses cinco compactos anos de apreciações bibliográficas. Em todo caso, faz-se mister ainda uma transcrição, a de uma carta assinada pelo Capitão Micaldas Corrêa, autor da "Cartilha da Mocidade", que aqui foi apreciada com restrições:

"A crítica literária que V. tem desenvolvido nas páginas de "A Defesa Nacional" representa já uma admirável produção, que honra seu autor e o Exército."

"Penetrando as obras com sensibilidade e analizando-as com inteligência, V. já se firmou, nos domínios da crítica, como orientador honesto e comentador agudo."

"Deste modo, desvaneceu-me o conceito honroso que lhe inspirou a "Cartilha da Mocidade".

"V. leu meu livro sentindo-lhe a finalidade. E a prova disso reside justamente nos comentários oportunos e na observação dos defeitos."

-A crítica assume, assim, seu verdadeiro papel — esclarecer o autor e orientar a opinião, sem dogmatismo, com isenção de espírito."

Aí está. Encontramos nessa generosa manifestação do Cap. Micaldas Corrêa o reconhecimento de um ponto que realmente temos feito o fundamental da nossa atividade crítica: honestidade. Bem sabemos que a primeira qualidde de um crítico deve ser de ordem moral. "Sua responsabilidade é intermediário entre o autor e o público é, antes de tudo, uma responsabilidade moral. A crítica só deve servir a um senhor — a verdade". (1)

Verdade é que a crítica exercida nesta seção é, quasi sempre, a de uma literatura especializada, onde os assuntos são as mais das vezes técnicos, movimentando-se dentro de doutrinas mais ou menos assentes, o que, se de um lado representa dificuldade para o crítico, que se vê confinado entre idéias estabelecidas, sem poder lançar as que por ventura tivesse proprias, de outra parte favorece-o, pondo-o a coberto das disputas apaixonadas. Mas há tambem a analise de trabalhos de cultura geral, cujo debate é amplo e por vezes extremamente delicado. Num caso como nutro, porém, temos a consciência de haver colocado sempre, intransigentemente, a nossa sinceridade, os nossos princípios, a nossa autonomia intelectual acima de quaisquer injunções.

Reivindicamos mesmo para esta coluna a gloria de haver sido, quando mais sombrio era o curso desta guerra, uma voz cento por cento fiel aos ideais que hoje triufam com as armas aliadas.

Em nenhum momento nos deixamos sugestionar pelo brilho dos êxitos germânicos. Sabíamos que aquilo era efémero — que não podia prevalecer definitivamente sobre os verdadeiros valores humanos. E aqui, sem tibiesas, procuramos sempre

(1) — Tristão de Ataíde — Críticas — I — O Jornal.

esclarecer os leitores militares contra os entusiasmos faceis pelas aparências totalitarias, cuja filosofia consagrava tudo que se pudesse imaginar de mais contrário à existência de países como o Brasil (racismo, espaço vital, acesso às fontes de matérias primas).

Dos tortuosos desvios, que tantos entre nós percorreram, os leitores desta coluna foram energicamente afastados pela nossa doutrinação vigilante.

E' um alto mérito que e incorpora ao ativo de "A Defesa Nacional".

+ + +

Impõe-se uma derradeira observação, esta ligada ao sentido geral da coluna de estudos bibliograficos que aqui mantemos há 5 ancs: um dos fatores de prestígio do Exército está no brilho e na cultura dos seus oficiais; reparem que na "Academia de Letras" da França não deixava nunca de haver um militar; não esqueçam que um soldado que nem Liantey era também homem de letras e estadista, e o "troupeir" Braillon produziu aquele extraordinário ensaio sobre a instrução militar. Considere-se agora o caso especial do Brasil, onde o oficial, na paz como na guerra, se verá diretamente a braços com problemas os mais complexos e diversos. Torna-se preciso, portanto, que seja desembaraçado no manejo de assuntos não inteiriços com a sua atividade essencial, mas que se apresentam a cada passo, e que se tem mesmo é de enfrentar, por vezes em condições esmagadoramente desfavoraveis. O Maj. Frederico Rondon, percebendo com muita lucidez esta realidade, já havia reclamado "o Exército politécnico de que a Nação carece para ultimar sua própria formação." (Pelo Brasil Central, p. 107).

E assim fica demonstrado, como se preciso fosse, que a cultura extra-regulamentos não constitue nenhuma excrescência... Haverá, todavia, recalcitrantes, e pensando neles recordamos a quadra espanhola :

"Un remendero fué à missa
 Y no sabia rezar
 Y andava por los altares :
 Zapatos que remendar ?"

Nota — Estava composta esta crônica quando recebemos, assinada pelo Ten Otávio Alves Velho, a carta que a seguir transcrevemos,遵从着 as normas desta coluna e ao mesmo tempo confirmando as observações que vinhamos tecendo :

Rio de Janeiro, 4 de maio de 1945.

Prezado Cap. Peregrino

Deve, de inicio, renovar-lhe os agradecimentos pela gentil e comprensiva acolhida dispensada ao meu trabalho "PSICOLOGIA-RECRUTAMENTO-INSTRUÇÃO (Sugestões)", na seção LIVROS NOVOS de "A Defesa Nacional".

Quanto ao reparo que fez, na minha proposta sobre a inclusão do ensino da Geografia Militar no programa da Escola Militar de Recrude, achei muito justificável. Entretanto, cumpre-me esclarecer que, não obstante os esforços dos revisores da Imprensa Militar, de que fui testemunha, houve vários lapsos na impressão daquele trabalho. E uma delas foi a citada, pois que, do contrário, haveria uma contradição no que eu afirmava, conforme foi por si muito bem assinalado. No original lê-se: "..... a Geografia Militar e outras de não menor valia".

Relativamente ao programa para o exame de admissão à Escola Militar, por mim sugerido, sou o primeiro a reconhecer que é assaz maciço. A culpa seria, talvez, da falta de articulação entre o mesmo e o do nosso ensino secundário... Sanar-se-ia a dúvida tornando obrigatória a passagem dos candidatos pelas Escolas Preparatórias, que teriam seu número aumentado e seu programa tornado mais realístico e objetivo.

DISTRIBUIDORES DE LACTICINIOS

ESPECIALIDADE EM CREME DE LEITE E MANTEIGA DAS MELHORES
 PROCEDÊNCIAS

Lino Tavares da Silva & Cia.

R. Visconde Maranguape, 16

Fone 22-7232

RIO DE JANEIRO

Também o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil participou das comemorações centenárias do "grande chanceler" com uma brilhante sessão em que foi orador o Gen. F. de Paula Cidade.

* * *

Escreve o Ten.-Cel. russo Mikhail Yuriev, a propósito da infantaria do Exército Vermelho.

"Se se pudesse calcular o número de metros cúbicos de terra removida pelos infantes do Exército Vermelho, esse número corresponderia, sem dúvida, à maior montanha do mundo."

* * *

O primeiro despacho de Berlim conquistada pelos russos foi enviado pelo correspondente soviético Roman Karmenque, para U. P.

* * *

Sabem a origem e o significado da denominação "comandos", dada aquelas unidades de assalto inglesas, que tanto inquietavam os alemães ainda nos seus gordos tempos de supremacia militar?

Pois bem, essa denominação vem da guerra sul-africana, quando os "boers" levantaram tropas de guerrilheiros, chamados em holandês "comandos". Essas tropas lutaram contra os ingleses com extremada bravura e estes fixaram para sempre o nome, ressuscitando-o agora para as suas próprias formações.

* * *

Trecho da ordem do dia do Gen. Mascarenhas, ao fim vitorioso das operações da FEB:

"Desde o dia 16 de setembro de 1944, quando a nossa tropa recebeu o batismo de fogo em terras europeias, a FEB percorreu, conquistando ao inimigo, palmo a palmo, cerca de quatrocentos quilômetros, desde Lueca até Aleissandria, pelos vales dos rios Serchio, Reno e Râno, pela planície do Pô; — libertou quasi meia-centena de vilas e cidades; sofreu, mais de duas vezes, mil baixas entre mortos e feridos e desaparecidos; fez o considerável número de mais de 20.000 prisioneiros inimigos, vencendo pelas armas e impondo a rendição incondicional a duas divisões inimigas."

Fábrica de Calçado «PEROLA»

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS FINOS PARA SENHORAS E MENINAS

SOUZA RIBEIRO & CIA. LTDA.

Fábrica e Escritório:

Travessa do Oliveira, 8 e 8-A

RIO DE JANEIRO

Telefone 43-5248

End. Teleg. «Perola»

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

Atos oficiais do Ministério da Guerra publicados no «Diário Oficial» de 20 Março a 20 de Abril de 1945

AFORAMENTO DE TERRENO — (Pedido)

— Os processos referentes aos pedidos de aforamento de terreno, encaminhados pelas Delegacias do Serviço do Patrimônio da União e que transmitam pelas Regiões Militares, Diretorias de Cesta, Engenharia e Material Bélico, devem ser organizados separadamente, com uma informação para cada caso.
(Aviso n.º 1.095 de 16 — D.O. de 18-4-945).

CIRCUNSCRIÇÃO DE RECRUTAMENTO — (Criação).

Fica criada a 13.ª Circunscrição de Recrutamento, com sede em Três Corações, Estado de Minas Gerais.
O presente Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
(Decreto-Lei n.º 18.229 de 2 — D.O. de 4-4-945).

CONTINGENTE — (Aumento).

— Fica o contingente do Centro de Instrução de Defesa Anti-Aérea aumentado de cinco sargentos monitores para atender ao curso de sargentos, que deverá funcionar no corrente ano, de acordo com o Aviso n.º 282, de 30 de janeiro de 1945.
(Aviso n.º 914 de 3 — D.O. de 5-3-945).

CONTINGENTES — (Variação de efetivo).

— I. — Na conformidade do que dispõe o Aviso n.º 1.735, de 12 de julho de 1943, e após o estudo, pelo órgão competente, das requestas formuladas, resolve:
Reduzir: no Quadro de Identificadores do Exército — G. I. 10 (10.ª R. M.) — um 2.º sargento;
Aumentar no Arsenal de Guerra General Câmara — dez soldados; no Serviço Central de Transportes do Exército — um 1.º sargento (para a Garage do Arqueador), um 2.º sargento, um 3.º sargento artífice, dois cabos e cinco soldados; no Pôsto de Remaria do Rio — um 3.º sargento mestre-ferrador; no Hospital Militar de S. Paulo — um 3.º sargento, 1 cabo e um soldado; no Quadro de Identificadores do Exército G. I. 7 (7.ª R. M.) — um 2.º sargento; no Quartel General do D.D.C. — um 3.º sargento, um cabo e três soldados (todos para o Serviço de Estado-Maior); no Campo de Instrução de Gericinó — dois 3.ºs sargentos, cinco cabos e oito soldados; no Quartel General da 5.ª R. M. — um 3.º sargento enfermeiro-veterinário e um cabo ferrador; na Escola de Transmissões — três 3.ºs sargentos.

tos (1 telefonista, 1 teletipista e 1 dactilografo), sete cabos (3 dactilografos, 1 mecânico-automóvel, 1 mecânico-rádio, 1 motorista e 1 correiro), doze soldados (1 corneteiro, 2 telefonistas e 9 de fileira); no Depósito Central de Material de Transmissões — 1 cabo motorista; no Instituto de Biologia do Exército — um 3.^o sargento enfermeiro-veterinário e 4 soldados (para o Serviço Especial de Plasma); na Escola Preparatória de Porto Alegre — um soldado padoleiro e quatro soldados motoristas; na Fábrica de Itajubá — um cabo e seis soldados; no Quartel General do Destacamento de Natal — um 2.^o sargento, dois cabos e três soldados; na Escola do Estado-Maior — quatro cabos e dez soldados; na Comissão de Construção de Estradas de Rodagem Paraná-Santa Catarina — um 2.^o sargento e dois 3.^os sargentos de engenharia; no Serviço de Embarque do Pessoal do Ministério da Guerra — um 2.^o sargento, dois 3.^os sargentos, dois cabos e dois soldados motoristas; no Quartel General da 6.^a R. M. — um 3.^o sargento enfermeiro-veterinário e 1 cabo ferrador.

II. — Foram mandadas arquivar as demais propostas em virtude dos claros existentes nas unidades de tropa e do grande efetivo alcançado pelo conjunto dos contingentes.

(Aviso n.º 697 de 20-2. — D.O. de 21-3-945).

CORPO DE TROPA — (Criação)

Fica criado, para instalação imediata, o 1.^o Batalhão de Infantaria Motorizado do Grupamento de Infantaria da Divisão Moto-mecanizada (1.^o B.I. Mt/D.M.), com sede provisória em Santa Cruz (Distrito Federal), aproveitando os elementos compatíveis de 2.^o Batalhão de Caçadores.

Revogam-se as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 18.150 de 26 — D.O. de 28-3-945).

CURSO DE APERFEIÇOAMENTO — (Indicação).

— Atendendo às razões expendidas pelo Estado Maior do Exército e à proposta da Diretoria de Intendência do Exército, deve esta Diretoria indicar, anualmente, dois oficiais Intendentes do Exército, com o Curso de Aperfeiçoamento, para frequentarem, sem prejuízo do serviço, o Curso da Escola de Estado Maior, 2.^o e 3.^o anos.

(Aviso n.º 1.040 ed 12 — D.O. de 14-4-945).

CURSO DE ESPECIALISTA — (Funcionamento).

— Deverá funcionar, a partir de 15 de abril próximo o Curso de Especialistas Mecânicos da Escola de Moto-Mecanização, com a duração de 4 ½ meses.

E' fixado em cem o número de vagas, devendo os candidatos (sargentos, cabos e soldados) satisfazer às seguintes condições para matrícula :

a) Menos de 26 anos de idade e menos de 5 anos de serviço, referidos êsses limites à data de início do curso;

- b) bom comportamento;
- c) não pertencer a quadro especializado;
- d) ser aprovado na prova de seleção, realizada e julgada na unidade e cujas questões serão remetidas pela Escola de Moto-Mecanização;
- e) ter sido julgado apto em inspeção de saúde, tendo em vista, principalmente, rigorosa verificação dos aparelhos respiratório, visual e auditivo.

A Diretoria de Ensino fica autorizada a efetuar os entendimentos necessários com as Diretorias das Armas e Moto-Mecanização. (Aviso n.º 827 de 29 — D.O. de 31-3-945).

DISTINTIVO — (Permissão)

— É permitido o uso do distintivo do Curso da Escola Técnica de Aviação, pelas praças do Exército que forem diplomadas por aquela Escola.

O distintivo deverá ser usado no braço esquerdo, de conformidade com o disposto no n.º IX do Capítulo XII do Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército.

(Decreto-Lei n.º 952 de 5 — D.O. de 6-4-945).

DISTINTIVO — (Adoção).

I. — Fica adotado um distintivo retangular branco de 5 x 40 milímetros, para ser colocado no antebraço esquerdo das blusas, camisas e túnicas dos oficiais e praças da F.E.B., por período de quatro meses de operações de guerra, a contar da partida do Rio de Janeiro para além mar.

II. — Poderão ser usados tantos distintivos quantos forem os períodos de quatro meses. Esses distintivos serão colocados, paralelamente, de baixo pra cima e espaçados de cinco milímetros. (Aviso n.º 789 de 24 — D.O. de 27-3-945).

DIVISÃO TERRITORIAL — (Aprovação).

O Diário Oficial n.º 86 de 14-4-945, página n.º 6.714) publica o Aviso n.º 1041 de 12, que aprova o quadro contendo a divisão do território da 2.ª Circunscrição de Recrutamento em Zonas de Recrutamento em Distrito de Recrutamento.

EFETIVO DE CONTINGENTE — (Aumento).

— O efetivo do Contingente Especial da Secretaria Geral do Ministério da Guerra fica aumentado de um 2.º Sargento. (Aviso n.º 734 de 24 — D.O. de 26-3-945).

ESCOLA DE INTENDENCIA DO EXÉRCITO — (Funcionamento).

— Deverá funcionar, a partir de 1.º de Junho do corrente no, o Curso de Aperfeiçoamento da Escola de Intendência do Exército, com o número de 25 matrículas.

Fica a Diretoria de Ensino do Exército autorizada a fixar a época da realização dos exames, bem como a entender-se com a

Diretoria de Intendência do Exército, para a chamada das correntes.
 (Aviso n.º 1.039 de 12 — D.O. de 14-4-945).

FARDAMENTO TIPO F. E. B. — (Declaração).

— I — Declaro que, em princípio, só deverá ser pago às praças o fardamento tipo F. E. B., depois das mesmas julgadas aptas em inspeção de saúde.
 (Aviso n.º 986 de 7. — D.O. de 16-4-945).

II. — Quando por qualquer motivo as praças forem excluídas da F.E.B. e continuarem no serviço ativo, deverão as unidades recolher os uniformes daquele tipo, distribuindo o tipo normal.

Art. 1.º Fica suspensa, durante o corrente ano, a exigência constante do art. 12, letra h, do Decreto-lei n.º 7.343, de 26 de fevereiro de 1945.

(Decreto-Lei n.º 7.433 de 9 — D.O. de 5-4-943).

JOGOS UNIVERSITÁRIOS — (Autorização).

— Atendendo a uma solicitação da Confederação Brasileira de Desportos Universitários, autorizo aos comandantes de Região Militar a permitirem a participação dos acadêmicos, alunos dos C. P. O. R. e N. P. O. R. e praças em serviço ativo, nos Sétimo Jogos Universitário Brasileiros a realizar-se entre 30 de abril e de maio, tudo do corrente ano.
 (Aviso n.º 981 de 6 — D.O. de 9-4-945).

PRAÇAS EXCLUIDAS — (Solução de consulta).

N.º 92 — O Chefe da 4.ª Circunscrição de Recrutamento, tendo dúvida sobre à maneira de proceder com relação às praças excluídas de Fôrça Policial por terem sido julgadas incapazes para o serviço da mesma Fôrça e que requererem certificado de sua situação militar, consultou em Ofício n.º 16 — Gab., de 15 de janeiro último, se a incapacidade para o serviço de Fôrça Policial, julgada por médico ou Junta de Saúde da mesma Fôrça, incapacita-as também para o serviço do Exército ou se devem serem submetidas à inspeção de saúde por Junta Militar de Saúde do Exército.

Em solução, declaro que as praças nas condições de que se trata, quando requererem certificado de sua situação militar devem ser submetidas à inspeção de saúde por Junta Militar de Saúde do Exército, procedendo-se, após, de conformidade com as disposições em vigor e tendo em vista o parecer da Junta.
 (Aviso n.º 92 de 3 — D.O. de 5-3-945).

PROMOÇÕES NO EXÉRCITO — (Interstícios).

Para as promoções no Exército durante o corrente ano ficam os interstícios constantes do art. 13 do Decreto-lei n.º 5.625, de 28 de junho de 1943, reduzido para :

— Tenentes-Coronéis — 18 meses. Segundos Tenentes — 12 meses.

O presente Decreto entrará em vigor na data da sua publicação, revogada as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n. 18.149 de 26. — D.O. de 28-3-945).

REGIÕES MILITARES — (Constituição).

Fica modificado o art. 1.^o do Decreto-lei n.º 5.388, de 12 de Abril de 1943, que passa a ter a seguinte redação:

O território nacional, de acordo com o que dispõe o artigo 5.^o da Lei de Organização do Exército, é dividido em dez Regiões Militares, constituídas como segue:

1.^o R. M. — Os territórios do Distrito Federal e do Estado do Rio de Janeiro.

2.^o R. M. — O território do Estado de São Paulo, parte de Goiás (Sul do município de Pôrto Nacional exclusive), e parte do Estado de Minas Gerais, (seguintes municípios do Triângulo Mineiro: Campina Verde, Itaiumbe, Frutal, Prata, Monte Alegre, Campo Formoso, Tupaciguara, Uberlândia, Conceição das Alagoas, Veríssimo, Araguari, Uberaba, Nova Ponte e Indianópolis).

3.^o R. M. — O território do Estado do Rio Grande do Sul.

4.^o R. M. — Os territórios dos Estados de Minas Gerais (menos os municípios citados do Triângulo Mineiro), Espírito Santo e parte da Bahia (Sul do Rio Jequitinhonha).

5.^o R. M. — Os territórios dos Estados do Paraná e Santa Catarina e do Território Federal do Iguaçu.

6.^o R. M. — Os territórios dos Estados de Sergipe e Bahia (Norte do Rio Jequitinhonha).

7.^o R. M. — Os territórios dos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas e do Território Federal de Fernando de Noronha.

8.^o R. M. — Os territórios dos Estados do Amazonas, Pará, parte de Goiás (Norte do município de Pôrto Nacional inclusive), parte do Estado de Mato Grosso (município de Aripuanã) e dos Territórios Federais de Amapá, Rio Branco, Acre e Guaporé.

9.^o R. M. — Os territórios do Estado de Mato Grosso (menos o município de Aripuanã) e do Território Federal de Ponta Porã.

10.^o R. M. — Os territórios dos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará.

Parágrafo único. As Regiões Militares constantes deste artigo têm suas sedes, respectivamente, nas seguintes cidades: Capital Federal, São Paulo, Porto Alegre, Juiz de Fora, Curitiba, Salvador, Recife, Belém, Campo Grande e Fortaleza.

(Decreto-lei n.º 7446 de 9. — D.O. de 11-4-945).

SUBUNIDADES EXTRANUMERARIAS — (Denominação).

As subunidades Extranumerárias constantes do artigo 35 do Decreto-lei n.º 5.388-A, de 12 de abril de 1943, são desdobra-

das e designadas subunidades de Comando e subunidade de Serviço.

As subunidades Extranumerárias e Auxiliares, referidas nos artigos 4.^o, 5.^o e 6.^o do Decreto-lei n.^o 6.812, de 21 de agosto de 1944, passam a denominar-se, respectivamente, subunidade de Comando e subunidade de Serviço, bem assim as demais subunidades Extranumerárias constantes dos artigos 2.^o, 3.^o e 7.^o do mesmo Decreto-lei.

(Decreto-Lei n.^o 18.104 de 19. — D.O. de 21-4-945).

ESTABELECIMENTO DE SUBSISTENCIA — (Criação).

E' criado, para instalação imediata, com sede em Salvador, Estado da Bahia, o Estabelecimento de Subsistência da 6.^a Região Militar, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.^o 7472 de 17. — D.O. de 19-4-945).

UNIDADE EFETIVO TIPO MOVEL — (Solução de consulta).

— Tendo o Comandante da 9.^a Região Militar consultado se a expressão "Unidade com efetivo tipo móvel" constante da Tabela Geral de fixação de valores das rações de forragem (Aviso n.^o 3.834, publicado no "Diário Oficial" de 14 de dezembro de 1944, alínea b das Observações) deve ser apenas "unidade com efetivo tipo", declaro que assim deve ser compreendido, por quanto a palavra "móvel" foi introduzida em virtude de erro dactilográfico ao ser a Tabela confeccionada na Subdiretoria de Subsistência do Exército.

(Aviso n.^o 1058 de 13. — D.O. de 16-4-945).

VANTAGENS DA CAMPANHA — (Solução de consulta).

— Consulta o Comandante da 8.^a Região Militar, em radiograma n.^o 85, de 15 de janeiro de 1945, se os militares que viajaram ou viajam por via marítima, em virtude de transferência por conveniência do serviço, têm direito à terça parte de campanha prevista no art. 83 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército, concedida pelo Decreto-lei n.^o 4.913-A, reservado, de 5 de novembro de 1942 e Aviso reservado número 1.129-990, de 4 de dezembro de 1942, aos militares transportados em serviço. Em solução declaro que, não assiste direito dessa vantagem aos militares que viajam por via marítima em virtude de transferência.

(Aviso n.^o 877 de 31-3. — D.O. de 3-4-945).

ZONA DE RECRUTAMENTO — (Séde).

— A 37.^a Zona de Recrutamento da 11.^a Circunscrição de Recrutamento, criada por Aviso n.^o 502, de 28 de fevereiro último, terá por sede o Município de Caravelas.

(Aviso n.^o 1.012 de 10. — D.O. de 12-4-945).



UM MARCO NA VIDA POLITICO - SOCIAL DE SÃO PAULO



Extraordinariamente brilhante a Convenção do Partido Social Democrático, no Teatro Municipal da Paulicéia — Como discursou o Interventor Federal, Sr. Fernando Costa.

Interventor Fernando Costa

Constituiu um marco na história republicana de São Paulo a Convenção do Partido Social Democrático, realizada a 3 de junho, no Teatro Municipal da Paulicéia, para homologar a candidatura do ilustre general Eurico Gaspar Dutra à presidência da República, justamente escolhido pelas forças majoritárias da Nação afim de suceder, no supremo ergo da República, ao eminente estadista Sr. Getúlio Vargas.

O impressionante e memorável conclave, que fez vibrar a alma bandeirante, assinalou também, e sobretudo, a completa e perfeita coeção que existe entre todas as forças políticas que compõem o P. S. D. paulista, a unidade do movimento em todos os Estados e principalmente a esplêndida compreensão entre os dirigentes dos diretórios de Minas e São Paulo, pela grande expressão dos nomes dos Srs. Fernando Costa e Benedito Valadões, que iniciaram em todo o país o vitorioso movimento em prol da candidatura Gaspar Dutra, hoje apoiada

por uma organização partidária que se concretiza em cada Estado da Federação, constituindo uma perfeita agremiação política de âmbito nacional, a que aderiram desde logo as mais representativas figuras do cenário político brasileiro e representantes de todas as classes sociais. A presença de delegações de todos os municípios do interior paulista e de personalidades de grande destaque na política dos Estados deu à Convenção do P. S. D. um caráter mais do que estadual, transformando-a em uma vigorosa afirmação do apoio que já conta em todo o país a candidatura do General Eurico Gaspar Dutra.

A magnífica oração do Interventor Fernando Costa

O sr. Cirilo Junior, que proferiu as palavras de abertura da memável assembléia política, convidou o Sr. Fernando Costa, aclamado presidente do Partido Social Democrático em São Paulo, a dirigir os trabalhos. E foi sob uma tempestade de aplausos que, com a palavra, o chefe do executivo paulista pronunciou a seguinte oração:

"Meus senhores,

Determinada, pelos poderes competentes, a realização de eleições, em todo o país, a fim de que o povo, no exercício da sua soberania político-democrática, escolha os seus mandatários e aqueles que devem presidir a administração da coisa pública brasileira, era preciso que as forças políticas nacionais se congregassem em partidos, de ideias e de programas definidos; de ideias e de programas ajustados aos imperativos atuais da nossa situação social e política.

S. Paulo, que sempre foi um dos grandes esteios, um dos fortes e prestigiosos baluartes sobre os quais se assentam as garantias da evolução política e as prerrogativas democráticas da Nação. S. Paulo deveria, também, inspirado nos seus ideais progressistas, integrado no seu programa de grandes realizações pelo engrandecimento da Patria Brasileira, S. Paulo deveria reunir os seus elementos, os elementos das suas antigas agremiações político-partidárias e os elementos novos, formados ao impulso das aspirações sociais de nossos dias, para congregá-los todos num partido político que fosse a expressão dos seus ideais democráticos, e que fosse um novo centro de atividades incondicionais em favor da prosperidade do Brasil.

Para que a atividade política bandeirante realizasse os verdadeiros e reais objetivos que alcançam os reclamos da alma nacional e a resolução dos problemas coletivos, de que depende a vida da Nação, era de toda a conveniência fosse ela integrada numa atividade comum, em perfeita cooperação com os nossos irmãos de todo o país, a fim de que, numa comunhão de vistas, de ideias e de programa, pudessemos pugnar, eficientemente, pela nossa reconstituição político-administrativa, respeitados os legítimos interesses nacionais e garantida a unidade

política que é a pedra angular sobre a qual deve repousar a unidade da Pátria.

Foi com este espírito e com esta disposição patriótica que São Paulo acolheu, com interesse especial e com entusiasmo, a iniciativa nacional que se empenhará pela melhor solução dos nossos problemas, norteando-se, sempre e intransigentemente, no sentido dos grandes e elevados destinos do Brasil.

O programa do futuro partido, lá publicado, é do vosso conhecimento, senhores, e integra todos os fatos fundamentais que devem constituir a nossa preocupação no tocante à organização político-social do país, e à sua vida administrativa.

Todos os grandes problemas que afetam os nossos interesses políticos, sociais, econômicos, constituem preocupações capitais no programa partidário, de tal modo que o lema do novo partido seria o do esforço coletivo posto a serviço dos ideais dos interesses do povo e das realizações nacionais.

No campo político, os mandatos eletivos que lhe forem outorgados têm de patrocinar: a efetivação do regime que consubstancial os princípios democráticos, fundados na representação do povo; o direito à liberdade, à subsistência, à propriedade, respeitado o interesse comum; a justiça eleitoral e o voto soberano; a representação de correntes partidárias ponderáveis; a independência do Poder Judiciário; a autonomia dos Municípios; a liberdade da imprensa, com as responsabilidades decorrentes, e outras prerrogativas que, incorporadas à tradição política brasileira, evidenciam a educação cívica e os sentimentos democráticos da nossa gente.

No tocante à organização e à vida social brasileira, o partido preconiza as possibilidades de nivelamento sociais para o bem estar das classes que trabalham: a defesa da família, a proteção das mães e dos filhos; a justiça social e a organização trabalhista; o entendimento equitativo entre o capital e o operariado, para garantia básica do bem estar geral que condiciona a tranquilidade e a paz da sociedade; a assistência, a previdência; o seguro social para proteção e conforto do trabalhador; para amparo à invalidez e à velhice; para incentivo enfim de todos os fatores que cooperaram para o nosso engrandecimento económico.

A educação é problema capital no programa do partido; a educação entendida como "integração social" e "liberação humana", isto é: a preparação para a democracia e para a vida social; a formação física, intelectual e moral da infância e da juventude. A preparação técnico-profissional da mocidade, e, principalmente, como fator básico da eficiência educacional brasileira, a formação dos mestres e dos educadores — "valores primaciais da nossa civilização".

A saúde do povo, a difusão dos preceitos de higiene; a profilaxia geral; a alimentação; o problema da maternidade e de proteção à infância, são outros tantos postulados que o partido adotou para assegurar o vigor orgânico da nossa gente, certo de que a condição física é o primeiro e mais fundamental característico de um povo forte, capaz de lutar pelo seu próprio engrandecimento.

A política econômica e financeira do partido visa ao enriquecimento das nossas fontes de riqueza, de produção agrícola e industrial, e ao desenvolvimento da nossa capacidade comercial.

A assistência à agricultura; a renovação agrária; o amparo à lavoura; a racionalização da agronomia; o ensino técnico, agrícola; o amparo à pequena propriedade, às indústrias domésticas rurais, como estímulo para a estabilidade rural; o reflorestamento do território patrio; o incentivo à pecuária e à pesca; as cooperativas agrícolas; os armazéns gerais; o crédito agrícola; o auxílio para as tentativas de remodelação e racionalização agrícola, tudo isso, senhores, são problemas que o partido temido como essenciais para objetivos das suas atividades.

No setor industrial, o estímulo à iniciativa privada; a organização das indústrias básicas — a siderurgia, a produção de combustíveis; a preparação técnica do operário; a renovação na montagem das indústrias nacionais; a política de padronização de nossos produtos são realizações, que, ao lado dos fatos comerciais, da expansão comercial e econômica; do transporte e das comunicações; da valorização do nosso intercâmbio comercial, há de merecer o melhor e mais decidido apoio e interesse da nova atividade partidária.

Em complemento a essa atividade de ordem econômica, referida, a defesa contra as secas; contra as enchentes; o combate às endemias; a exportação de matéria prima excedente; o aproveitamento das riquezas do sub-solo e das quedas d'água; o impedimento e o embargo dos "trusts", dos monopólios, e de tudo o que emperra a produção, coage a atividade comercial e a normalidade da nossa vida econômica, tudo isso, senhores, há de completar uma atuação vigilante, inteligente, que o partido desenvolverá em benefício da prosperidade e da riqueza nacionais.

No campo administrativo propriamente dito, o programa partidário adota as diretrizes da racionalização da administração pública; da severidade no emprego do dinheiro público.

A administração de pessoal se processará com respeito ao Estatuto dos Funcionários Públicos, garantindo-se, de um lado, pela assistência legal e pela previdência social, o benefício da classe dos servi-

doras, e de outro lado, pelo seu aperfeiçoamento técnico, a eficiência do Serviço Público Brasileiro.

Eis ai, meus Caros Senhores, em linhas gerais, o programa do Partido Social Democrático que aparece neste momento histórico da vida nacional e nesta fase delicada da vida dos povos.

Meus Senhores

Nasce para todas as gentes uma era de esperanças, porque prevemos um mundo melhor, após guerra como o predominio dos sentimentos de solidariedade humana.

A nova e já prestigiosa agremiação partidária, que hoje se instala em terras de Piratininga, há de ser um potencial de energias cívicas e uma fonte de realizações político-democráticas, capazes de influir em os novos destinos do Brasil, segundo esse sentido novo da vida social dos povos.

O Partido Social Democrático há de crescer e frondejar, e frutificar numa messe esplendida de soluções brilhantes para os magnos problemas político-administrativos da Nação Brasileira.

Para a eficiência, porém, de suas realizações, o Partido Social Democrático devia escolher homens a altura de seus destinos, para os postos de comando e de direção.

Cumprido esse dever e instalado o partido, deveríamos ter a honra e satisfação cívica de ratificar a escolha, feita pelas correntes políticas do nosso Estado, do ilustre General Eurico Gaspar Dutra, para a alta investidura de Presidente da República do Brasil.

Como Ministro da Guerra, conquistou Sua Excelencia a consideração e o acatamento do povo brasileiro pelos relevantes serviços prestados ao Exército Nacional e ao benemerito governo do Presidente Getúlio Vargas.

O seu passado honroso de homem público é um penhor seguro da atuação clarividente e patriótica que Sua Excelencia há de, por certo, desdobrar no sentido do cumprimento do seu futuro governo pelo engrandecimento da Pátria Brasileira.

Outros oradres evidenciarão na sua personalidade, traços fortes de um caráter sem jaça, que é um motivo de confiança para o povo de São Paulo e do Brasil, na atuação patriótica de Sua Excelencia no posto supremo de Chefe da Nação.

Meus Senhores.

O momento político brasileiro requer muita serenidade, muito acatamento, e muita dedicação pelo bem comum.

A ordem nacional, a tranquilidade nacional é indispensável para que dentro dela se processem as nossas prerrogativas e os nossos direitos de cidadãos de uma Pátria livre.

Dentro deste criterio patriótico, estejamos ao lado do Presidente Vargas nos ultimos meses de seu governo benemerito, gratos a Sua Excelencia pelo bem que fez a São Paulo e ao Brasil.

Sua Excelencia foi denodado propugnador pelo progresso da Pátria e o defensor da nossa situação internacional, tomado para o Brasil uma atitude, na hora presente, que há de assinalar-se, na história, como atestado viril da nossa gente, para glórias imorredouras da nossa nacionalidade.

O Presidente Vargas governou e governa o Brasil, sem odios, sem perseguições.

Incentivou a nossa riqueza; amparou as classes trabalhistas, apertou os laços da unidade pátria; tranquilizou o nosso ambiente social dando-nos a todos a possibilidade de uma vida calma, ordeira e feliz.

Por tudo isso, senhores, nesta assembléia em que instalamos o Partido Social Democrático em São Paulo, sejam prestadas a Sua Excelencia as grandes homenagens do nosso respeito, do nosso acatamento e da nossa gratidão.

Meus Senhores.

Nestes quatro anos de governo estadual, não tenho me preocupado com política partidária. Antes tenho feito política administrativa, cercando-me de todos aqueles que desejam prestar o seu concurso pelo bem da coletividade paulista.

Deste modo, senhores, eu preparei o Estado de São Paulo para que todos, sem ressentimentos, sem preocupações intransigentes, pudessem se unir neste momento para uma atuação patriótica pela reconstituição política do Brasil.

Meus Senhores.

O Partido Social Democrático levanta em São Paulo a sua bandeira. Eu estou certo de que, sob os auspícios dos seus postulados político-partidários, todos nós nos uniremos, e, unidos, iremos às urnas para a conquista da vitória que há de eleger os nossos candidatos que, nas Camaras, nas Assembléias Legislativas, nas altas investiduras políticas do país, hão de nos dirigir par um futuro brilhante.

Permita Deus, senhores, que estejamos no começo de uma nova era política que traga para o Brasil "Ordem e Progresso".

Eu agradeço, muito sensibilizado, a generosidade do vosso ato es- colhendo-me para Presidente do Partido Social Democrático, em São Paulo.

Com os meus agradecimentos, eu hipoteco ao partido e a todos vós, caros amigos, a segurança do meu trabalho e do meu esforço pela grandeza de São Paulo e pela prosperidade do Brasil.

Coleboram neste número:

Gen. Sousa Docca

Cel. Lima Figueiredo

Cel. R. B. Nunes

Cel. Paulo Mac-Card

Ten. Cel. Augusto Maggessi Pereira

Maj. Paulo Enéas F. da Silva

Cap. Tasso de Aquino

Cap. Antonio Augusto Joaquim Moreira

1.º Ten. Otávio Alves Velho

José de Souza

Wulstan E. Burton



Cr\$ 5,00

EDITORIA: HENRIQUE VELHO

(Empresa "A Noite")

Mal. Floriano, 15 — Rio de Janeiro, D. F.